QUARTO CENTENARIO
DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

João Köpke

A Grande Patria

PARA DIALOGO NAS ESCOLAS PRIMARIAS

SÉRIE
Amarilio de Vasconcellos

LEITURAS HISTORICAS

Rio de Janeiro
Typ. do JORNAL DO COMMERCIO de Rodrigues & Comp.
1900

QUARTO CENTENARIO
DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

João Köpke

A Grande Patria

PARA DIALOGO NAS ESCOLAS PRIMARIAS

SÉRIE

Amarilio de Vasconcellos

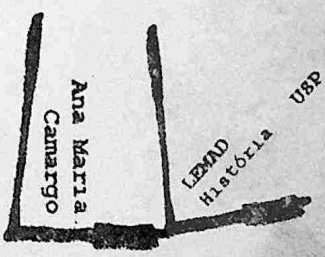
LEITURAS HISTORICAS

Rio de Janeiro
Typ. do JORNAL DO COMMERCIO de Rodrigues & Comp.
1900

50
CS
1

GRUPO ESCOLAR
DE PIRACICABA

A GRANDE PATRIA



CORRIGENDA

Além de outros erros typographicos, que escaparam á revisão, mas facilmente se corrigem, imprimiu-se :

Pag. 16 — Linhas 10ª e 11ª — *acabou-se, essa acabou-se* — em vez de : *acabou-se essa, acabou-se* ;

Pag. 17 — Linha 3ª — *Infelizmente não houve sangue* — em vez de — *Felizmente não houve sangue* ;

Pag. 63 — Linha 15ª — *1836* — em vez de — *1636* ; e

Pag. 89 — Linha 11ª — *uma nova nau* — em vez de — *uma nau*.

Ao Leitor

NÃO publico este livro com pretenção quanto á sua substancia; sim, e só, porém, como suggestivo quanto ao methodo de exposição, que procede do presente para o passado, afim de que outros mais senhores do assumpto melhor partido tirem da sua competencia em favor dos que se instruem, caso neste ensaio algo divisem de aproveitavel e digno do seu esforço.

Procurei desenrolar ante o espirito juvenil, ao qual enderecei o meu trabalho, a trama dos

factos concernentes á historia patria, de modo que, pela realidade actual, em que tem elle experiencia propria, e em que é parte, chegue á posse dos antecedentes, que prepararam essa mesma realidade.

Ignoro se já foi o processo adoptado em qualquer obra didactica, que não seja o livrinho illustrado « *Rio acima* », cujo texto, entretanto, não corresponde ao objectivo pedagogico, que o autor parece ter visado. O que sei é que ha razões theoricas muito poderosas para perseverar na pratica, a que o meu tirocinio dá abono.

Quanto á feitura, em alguma cousa se póde ella comparar á da *Historia alegre de Portugal*, de Pinheiro Chagas, que sómente depois de ter mostrado o meu trabalho ao meu douto amigo Senador Severino Vieira, vim, por indicação sua, a conhecer. Preferi, todavia, o dialogo com exclusão completa de qualquer parte expositiva, por se me afigurar que seria isso um recurso para o exercicio da *leitura expressiva* em classe, e que esta, graças ao seu caracter dramatico, não só suscitaria os brios dos interlocutores, animando-lhes o tom, como, captando a attenção dos ouvintes, a quem, de outro lado, as alternativas do dialogo descançam, muito contribuiria para facilitar a impressão e a retentiva dos factos rememorados.

A referencia, que, no correr do livro, se faz a um *album*, accusa o proposito de o acompanhar de illustrações, que mais interessem o espirito pelo conhecimento dos factos, em que se inicia. Entretanto, o desenvolvimento ainda pequeno das nossas artes graphicas me inhibe de dar nesta edição esse complemento utilissimo (1), que sómente se tornará possivel se a acceitação do que, sem elle, posso dar, me permittir contractar, onde mais convenha, a publicação das gravuras, a que alludo.

Rio de Janeiro, 30 de Dezembro de 1896.

João Köpke.

(1) Esta deficiencia póde, em parte, ser supprida pela recente publicação da casa Garnier *Galeria de historia brazileira*.

Petropolis, 22 de Abril de 1900.

Meu caro Alvaro

Revolvendo hontem os meus papeis, achei, entre elles, as notas, que, em 1896, me enviaste, acompanhadas de carta com data de 16 de Fevereiro, logo depois que concluimos aquelle saudoso *curso de historia patria*, de que tão gratas recordações guardámos todos, mestres e discipulo. Um dos mestres, teu Avô, o excellente velho, que, a todos, nos dava exemplo do civismo mais acrisolado, já, triste realidade! passou para o ról dos que apenas subjectivamente governam a nossa existencia. E em bôa hora o fez!... Pensa tu que lhe tocava assistir e fazer a apreciação dos factos, que, pelos fins de 1897, cobriram de vergonha o Brazil inteiro e puzeram remate cruento aos serviços inolvidaveis com que a dedicação do Marechal Carlos Machado Bittencourt felicitou a Patria e a Republica!... Tu, que o conheceste tão zelador dos fóros da nobreza humana, pódes bem avaliar hoje quanto lhe seria penoso narrar a teus irmãos, affeitos a se instruirem na sua conversa erudita e carinhosa, scenas tão deprimentes como a da conspiração perversa, que machinou o assassinato do Sr. Dr. Prudente de Moraes!... E, se a sort e o não tivesse poupado a tamanho sacrificio, calcúlo como a sua condemnação havia de castigar em Marcellino Bispo de Mello o infeliz anspeçada, que se prestou a tentar o golpe traiçoeiro, a insinuação insidiosa dos partidarios exaltados, a quem a infama

do meio não fez recuar ante a responsabilidade tremenda do conselho e subterfugioso apoio !... Como os meus filhinhos, lendo na physionomia do historiador a revolta de sua alma indignada, se haviam de horrorisar ante a descripção do indigno attentado !... Mas não quiz a bôa estrella do Brazil que o Sr. Dr. Prudente de Moraes cahisse sem ter pago por completo o imposto de civismo, que d'elle exigiram seus concidadãos, elegendo-o ; e tu ainda has de sentir echoar nos ouvidos as manifestações sinceras com que o povo lhe agradeceu, do Rio a Piracicaba, em memorabilissima e ininterrompida ovação, o que as circumstancias lhe permittiram fazer para servir á Patria dentro da Lei e do Direito.

Tudo isto me acudiu ao espirito ao dar com os olhos nos teus apontamentos, e, ponderando a proposito d'elles, resolvi reconstituir o nosso *curso* e dal-o á publicidade para que fique um padrão em memoria da quadra em que nós, a familia viva, collaborámos com o caro e illustre Morto na formação da fibra patriotica das gerações que têm de nos succeder. Desculpa se te não pedi licença : a intenção pareceu-me autorisar a liberdade. Mandar-te-ei, pois, um exemplar do que o prelo puzer a correr mundo, como recordação do mais subido valor para mim, para ti e para alguns amigos, e como fonte de prazer, talvez, para não poucos espiritos empenhados no estudo das cousas patrias.

E vê só em que época permittiu o acaso que o nosso livrinho sahisse do silencio da minha gaveta para a agitação do grande mundo !... No anno em que a nossa Patria celebra o quarto centenario do seu descobrimento. Sem ser homenagem de apreço, que expressamente lhe votassemos, vai, comtudo, apparecer como um attestado de que o amor dessa Patria ainda prende seus filhos ao estudo da sua historia, e que elles, delirantes de prazer quando lhe lêm as paginas fulgurantes, gemem com ella sempre que a narração a mostra acabrunhada ao peso de adversidades. Valha-nos, ao menos, a consciencia de que assim sinceramente a amamos para relevar a insignificancia do valor do nosso tributo; e, nos quatro seculos de existencia ennobrecida por feitos do mais requintado civismo, que a trouxeram da Colonia á Republica, alentemos as esperanças para nos convencermos de

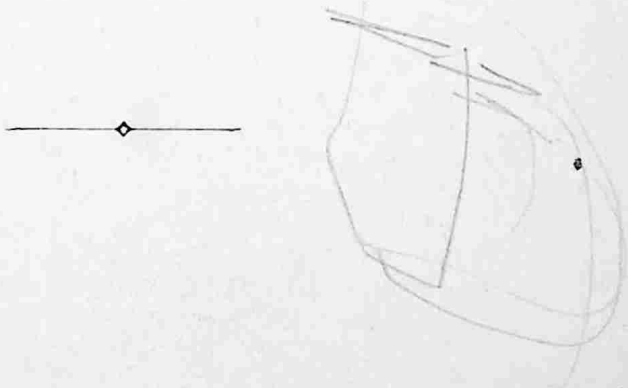
que o Sr. Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles e seus successores hão de continuar dignamente a obra de nossos antepassados, levantando a Nação ao apogeu da grandeza, si, compenetrados todos da excellencia do novo regimen politico, lhes trouxerem o contingente de patriotica collaboração.

De que lhe não nego o meu, tenho dado prova sobeja, e, em ti, estou preparando um substituto. Fio, pois, que felicitando-te commigo pela coincidencia da publicação, guardarás o volume para instrucção de teus filhos, e como uma lembrança de familia. Acceita, com o meu coração affectuoso, muitos recados de tua Mãi e dos mais de casa. Abençoa-te o

Pai e Amigo extremoso,

FERNANDO.

P. S. Infelizmente não houve tempo para apromptar o *Album*.



Petropolis, 25 de Abril de 1900.

Papai

Apresso-me em applaudir a resolução, de que me déste noticia em tua carta de 22, hontem recebida, não sei porque com tanta demora. Parece-me que, no caso, não ha, por fórma nenhuma, melindre á minha modestia: em companhia de tão caroaveis collaboradores, a gente sente-se bem, mesmo á luz da publicidade. E deixa lá que, apezar dos pezares, o nosso tributo não será de todo irrelevante. Ao menos sentir-se-á o carinho e o enthusiasmo communicativo das nossas agradaveis palestras, a que o amor da Patria extremecida dava tanto sabor, e convencer-se-ão, os que *nos* lêrem (releva a pretenciosidade do plural), de que, confiança no implemento do elevado destino a que está fadado o Brazil, não nos falta. Nunca!... Ouço gente muito illustrada, e que passa por patriotica e circumspecta, a predizer desastres crescentes á Nação, attribuindo-os a *esta* Republica. Comquanto muito moço para poder, sem certo acanhamento, confutar-lhes os tristes vaticinios, rio-me d'elles e inclino-me a crêr que, infelizmente, são interesses contrariados que mandam aos labios essa linguagem, que a mente não sancciona e o coração ouve constrangido. Não é a natural volta da imaginação aos tempos da juventude e virilidade que assim fala: tu és velho, criterioso, habituado ao estudo e ponderação das cousas politicas,

e eu te vejo cada vez mais fervoroso pelo regimen politico inaugurado a 15 de Novembro de 1889. Pois commigo são dois, Papai: *d'esta* Republica mesmo é que ha de sahir *aquella* que,

« Depois de procellosa tempestade
Nocturna sombra e sibilante vento, »

trará a

« serena claridade,
Esperança de porto e salvamento, »

já entrevistos ao resplendor da integração republicana do Novo-Mundo.

Que vá, que vá o nosso livrinho despertar no recinto das escolas o torpor, que as desinteressa do que diz respeito ao paiz, onde nascemos, e que só pelo valor individual dos seus filhos poderá galgar á culminancia da grandeza que lhe está reservada. Insignificante, como é, para muito lograr nesse intuito, o pouco que consiga será alguma cousa para o quasi nada que podemos pretender, mas sempre alguma cousa. Não achas?

Realmente é, como, dizes, pena que o *Album* não ficasse prompto a tempo de illustrar o *curso*. Mas olha: assim que vi noticia da *Galeria de historia brazileira*, publicada pela livraria Garnier para commemorar o Quarto Centenario, corri a vêr o que era, e, sendo relativamente cara, o Padrinho evitou-me o desconsolo, fazendo-me mimo d'aquelle livro. E' um livro muito interessante, realmente, e que, até certo ponto, suppre a falta do que tu pretendias publicar. Mando-t'o para que o vejas e lembro-te que, em cada uma das passagens a illustrar na nossa publicação, poderias fazer uma referencia á pagina dessa obra, em que se encontra a gravura respectiva. A suggestão se me afigura bôa: oxalá o confirmes.

Estou um tanto apertado com o remate de um trabalho de que o lente de exercicios praticos me incumbiu, e, por isso, não posso consignar aqui umas observações, que desejava fazer. Releva tu agora a severidade com que alludi aos meus mais velhos, saudosos do regimen, que não achou defensores para o

amparar quando periclitou, e aos republicanos da *outra* Republica, que lhes fizesse melhor conta aos seus interesses; e acredita que eu, pelo menos, trago, como tu sempre me inspiraste, arvorada no meu estandarte civico, a brevissima, mas significativa, legenda do *Excelsior*.

Retribuo á Mamãi e a todos os seus afagos, que, dentro de poucos dias, espero ir pessoalmente gozar. A ti e a elles, saúde e o coração saudoso do

Filho affectuoso e muito grato,

ALVARO.

Interlocutores

Alvaro de Souza Caminha.

O Papai.

O Vovô.

O Dr. Alencar.

I

— «*Não desceu hontem do Morro do Inglez S. Ex. o Sr. Dr. Prudente de Moraes*» Ora, Papai, tenho, mais de uma vez, lido isto no jornal. Porque é que dão esta noticia? E' alguma coisa importante?

— Sim, meu filho, é sempre uma cousa importante um homem deixar de fazer o que deve fazer.

— E o Sr. Dr. Prudente de Moraes tem, então, sempre, que descer do Morro do Inglez?

— Sempre, não. Nos dias marcados para audiencia publica no Itamaraty e para despacho em conferencia com os seus secretarios, os *ministros*, sobre negocios do Estado.

— Mas, Papai, se eu te disser que não sei bem quem é o Sr. Dr. Prudente de Moraes?

— Não sabes, Alvaro, quem é o Presidente da Republica?

— Isso, sei, sim, senhor; mas não sei o que é que um Presidente de Republica tem que fazer; e, por isso, não entendo porque é que se repara quando elle fica um dia em sua casa.

— Ah! comprehendo o teu embaraço. Pois olha: um Presidente de Republica tem que fazer o que eu tenho que fazer como presidente da nossa casa. Entendes agora?

— Mas porque é que os jornaes não dizem nada quando tu estás doente e não pódes fazer o que tens de fazer?

— Porque eu sou presidente d'esta casa só, e elle é presidente de todas as casas do Brazil, meu filho.

— Não entendo, Papai.

— Vais entender. Porque é que as nossas portas tem ferrolhos, fechaduras e trancas?

— Para que fiquem seguras.

— E porque é preciso que fiquem seguras?

— Para não entrarem os gatunos e quem a gente não quer.

— E porque é que os gatunos não as arrombam?

— Porque a policia não deixa.

— Não deixa aqui na nossa casa?

— Não deixa em nenhuma.

— E tu conheces a policia?

— Pela farda, conheço.

— Mas sabes os nomes dos guardas e tens relações com elles?

— Não, senhor.

— Já me viste pagar-lhes, como pago aos criados, pelos serviços, que nos prestam? Retribuir o seu trabalho como retribuo o dos mestres, que te ensinam?

— Não senhor.

— Então porque é que elles guardam a nossa casa, ali a do Dr. Alencar,—a do Sr. Medeiros,—a de todo o mundo?... Olha: estão concertando a rua. Quem é que

mandou fazer os concertos ? Não fui eu, nem o Dr. Alencar, nem o Sr. Medeiros, nem ninguem. Quem é que paga o carteiro, que todos os dias traz as cartas e os jornaes ? Tu queres ir a S. Paulo, por exemplo, achas estradas. Quem as abriu ? Quem as conserva ? Se de S Paulo quizermos ir a Matto-Grosso e a gente de Matto-Grosso não nos quizer deixar abrir uma estrada, quem é que decide se nós temos o direito de a abrir, ou os Matto-Grossenses o de se opporem ? Se alguns dos nossos visinhos — os Uruguayos, os Argentinos, os Bolivianos, os Peruvianos os Columbianos, os Venezuelanos ou os Paraguayos, atacassem o Brazil, nós e todos os Brazileiros, não estariamos em perigo ? Quem nos defenderia ? Quem foi que tratou de rehaver a ilha da Trindade, que os Inglezes occuparam como sua e que é nossa ?... Todas estas perguntas te devem ter feito pensar em que ha alguem, que trata de tudo isto, e, portanto de nós todos, emquanto cada um trata de si e de seus negocios particulares. Eu trato da nossa casa e o Sr. Dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica, trata de todas as casas do Brazil, isto é, da nação Brazileira.

— Isso é impossivel, Papai, o Brazil é tão grande !

— E tambem não é tão grande a nossa casa ? Eu não trato da cozinha, da despensa, da roupa, dos quartos, da mesa, da sala de visitas, de ti, de teus irmãos ?

— Sim, mas com a mamãi.

— Pois bem, e só eu e a mamãi não tratamos de tudo ?

— Mas vocês têm os empregados.

— E quem é que dirige, que dá ordens aos empregados para fazerem tudo do melhor modo ; que vê que essas ordens sejam cumpridas, afim de que haja asseio, commodo e felicidade na casa ?

— Tu e mamãi.

— Já vês que não é impossivel *dirigir*, *dar ordens*, *fazel-as cumprir*, *governar*, emfim, só porque a casa é grande.

— O Sr. Dr. Prudente de Moraes é casado?

— E', mas a sua senhora só o ajuda a governar a propria casa. As dos outros — a nação brazileira, que as dos outros formam — o Brazil inteiro — esse, elle o governa com auxilio de muita gente. Faze idéa, Alvaro, quanta é precisa para o serviço dos vinte Estados, desde o Amazonas até ao Rio-Grande do Sul, e muitos d'elles muitas vezes maiores do que muitos paizes do mundo!

— Mas porque é que é o Sr. Dr. Prudente de Moraes que governa, e não tu, por exemplo?

— Respondo-te com outra pergunta: porque é que a mamãi e eu é que governamos esta casa, e não é o Dr. Alencar e D. Carolina, ou o Sr. Medeiros e D. Hortencia?

— E' boa! E' porque tu é que és o pai, e a mamãi a mãi da familia.

— Achas, então, que temos o direito de governar porque somos pai e mãi?

— De certo.

— E se não fossemos pai e mãi, porque não tivessemos filhos, o que é que governariamos? Nada?

— Não, senhor; a casa.

— Com que direito? Porque?

— Homem essa! Porque a casa é de vocês.

— Quererás dizer com isso que é porque, sendo nossa, ninguem a póde governar melhor?

— Pois é.

— E sendo, então, precisa uma pessoa, que governe todas as casas do Brazil, defendendo a nossa terra e tra-

tando do seu bem-estar e progresso, a quem é que se deve dar o governo ?

— A' melhor pessoa, não é ?

— Sim— *á pessoa mais digna*, Mas como se ha de saber qual é ?... Quem ha de dizer ?... Eu ?... O Sr. Alencar ?.. O Sr. Medeiros ?.. Quem ?... Escuta cá. O que fazes, quando queres ter certeza de que uma cousa, que desejas comprar, é, realmente, a melhor que pódes comprar ?

— Pergunto a ti, á mamãi, á Chiquinha...

— Pedes a opinião de cada um, não é ?

— Sim, senhor.

— E, como ficas sabendo qual é a melhor ?

— E' a que mais gente disser que é.

— Perfeitamente. Cada um deu o seu *voto*, e o maior numero de votos *elegeu* a cousa, que deves comprar. Fizeste, assim, a tua escolha. Poder-se-ia tambem assim saber quem é o mais digno de governar o povo brazileiro ?

— Podia-se, sim, senhor. Perguntava-se a todos os brazileiros.

— E é isso justamente o que se faz, quando ouves dizer que ha *eleição*. Como deve, então, ter sido encarregado de governar o Brazil o Sr. Dr. Prudente de Moraes ? (1)

— Por eleição.

— Accrescenta : do povo brasileiro, que lhe deu 290,883 votos a 1° de Março de 1894.

— E, antes d'elle, quem é que governava ?

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 110.

— O Sr. marechal Floriano Peixoto. (1) Olha. Aqui tens, n'este album, o retrato dos dois. Aqui, o Dr. Prudente ; aqui, o marechal Floriano.

— Quando foi eleito presidente, o marechal Floriano?

— Não foi eleito presidente, Alvaro ; foi eleito vice-presidente a 25 de Fevereiro de 1891.

— E porque é que governou, então ?

— Muito naturalmente. Quando se elege um presidente, elege-se tambem um vice-presidente, que preside ao Senado, e governa quando falta o presidente, por molestia ou morte ou outro impedimento.

— E o presidente faltou ou morreu ?... Quem era ?

— O que vês ahi ao lado do marechal Floriano, no album : o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, (2) eleito no mesmo dia, em que o foi o Marechal Floriano, pelo Congresso Nacional.

—Ah, estes, então, não foram eleitos pelo povo !

--Indirectamente foram, Alvaro, porque o Congresso Nacional foi eleito pelo povo brazileiro a 15 de Setembro de 1890 e elegeu em nome d'elle, o 1º Presidente e o 1º Vice-Presidente da Republica. Chama-se mesmo a isso uma eleição *indirecta*, isto é, o povo escolheu alguem, que escolhesse. Agora, porém, o povo mesmo escolhe : a eleição é *directa*.

—E o que é o Congresso Nacional !

—O Congresso, Alvaro, são os *Senadores* e os *Deputados*, isto é, os homens, que o povo elege para fazer as leis com que o Presidente da Republica governa o Brazil. Não te parece que o povo, não podendo abandonar os seus trabalhos desde o Amazonas até ao Rio Grande do

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 108.
(2) » » » » » » » »

Sul para, em dia e lugar certo, tratar dos negocios que interessem a todos, tem assim um meio de governar o paiz?

—Então tambem ha eleição de senadores e deputados!

—Ha, sim, e mais outras, porque, se o paiz é do povo, elle é que tem o direito de fazer as leis, que o governem, e de escolher quem as execute para ser feliz como é da sua vontade.

—E porque foi que o Marechal Deodoro, que foi eleito, não governou?

—Quem te disse que não governou? Governou até 23 de Novembro de 1891.

—E só foi eleito para governar.... espera!.. um, dois, quatro, oito... quasi nove mezes?

—Não. Foi eleito para governar até 15 de Novembro de 1894. Os outros presidentes são eleitos para governar por quatro annos.

—E porque não governou?

—Porque houve uma revolução contra elle e elle deixou o governo ao Vice-Presidente, que occupou o lugar até o fim do prazo.

—E porque é que houve revolução?

—Vais comprehendel-o, meu filho.... Mas, olha. São nove e meia. Devo almoçar, senão perco o bond. Amanhã, pela manhã, te explicarei o que queres saber.

II

— Hontem, depois que tu sahiste, Papai, fiquei tão curioso de saber se nos outros paizes, é como aqui no Brazil, que peguei naquelle livro, que tu disseste que é a historia dos Estados Unidos, e começei a folheal-o. Quiz vêr si lia, e não entendi nada; mas, logo nas primeiras folhas, encontrei o retrato de um homem. Não é feio, não; mas tem um penteado differente do que se usa hoje e a cara sem barba, como um padre. Por baixo do retrato li uma palavra, que parecia *Jorge* seguida de outra mais comprida, que não pude guardar de cór. E, por baixo d'essas duas, vi um 1 com um *st* zinho ao lado e para cima, e adiante *President* sem *e* no fim. Acho que querdizer que esse homem foi o primeiro presidente dos Estados-Unidos não?

— Justamente, Alvaro; é Jorge Washington. Pronuncia devagar: U-ó-chim-tân. O inglez não se lê como se escreve. Jorge Washington foi o primeiro presidente dos Estados-Unidos da America do Norte, e, por isso, é que a sua capital é Washington, onde o Presidente mora

na *Casa Branca*, de que, no mesmo livro, se acha uma vista.

— Vi, sim, muitas vistas de edificios e uma porção de outros retratos, todos com *president* em baixo e umas figuras de combates: soldados morrendo, muita fumaça, peças de artilharia, cavallos mortos. Parecia uma revolução. E é mesmo, Papai?

— E', meu filho; é a *guerra da Independencia*. Mas a guerra é sempre uma revolução contra a civilisação. O que tu viste foram scenas da revolução dos Americanos contra a Inglaterra para se separarem d'ella e formarem uma nação á parte. Felizmente a revolução, de que prometti hontem te falar, não me obriga a mostrar brazileiros em luta contra inimigos ou entre si, perseguindo-se e matando-se. Foi uma revolução sem sangue. O Marechal Deodoro evitou, retirando-se do governo, que as ruas do Rio de Janeiro se transformassem em campo de batalha, e muitos lares felizes em montes de ruinas.

— E porque é que ameaçaram o Marechal Deodoro de fazer isso, Papai?

— Porque, meu filho, o Marechal Deodoro commetteu uma falta grave. Os grandes homens erram, ás vezes, como as crianças. O Congresso elegeu-o para governar por uma Constituição, que elle prometteu cumprir, e elle desprezou a Constituição, e quiz governar *á sua vontade*.

— E o que é a Constituição?

— E' a *vontade do povo*, Alvaro; é a lei, que marca o que é que o Presidente, o Vice-Presidente, os Senadores, os Deputados e todos os que trabalham no governo do paiz podem fazer.

— Quem foi que fez a Constituição?

— O povo, que elegeu pessoas de sua confiança para a fazerem por elle. Essas pessoas formaram a Assembléa Constituinte, eleita a 15 de Novembro de 1890, e que trabalhou até 24 de Fevereiro de 1891, dia em que approvou a Constituição, elegendo, no seguinte, o 1.º Presidente e 1.º Vice-Presidente da Republica.

— O 1.º Presidente foi eleito em 1891, já me disseste. Mas, nesse tempo, quem governava, então, o Brazil?

— O Governo Provisorio, isto é, alguns homens, que só deviam governar, emquanto se fizesse a Constituição. Esses, que vês ahi no album, em outra pagina, cercando o Marechal Deodoro.

— E porque é que já não tinham feito a Constituição?

— Tinham, Alvaro; o Brazil tinha uma Constituição, que o governou até o dia, em que se formou o Governo Provisorio.

— E porque é que não continou a servir-se d'ella o Governo Provisorio?

— Porque o Governo Provisorio se formou mesmo para mudal-a.

— E porque é que a queriam mudar?

— Porque é que tu não véstes agora aquelle vestidinho de merinó azul, bordado de seda frouxa, tão bonito, que a Mamãi tem guardado numa gaveta da commoda? Porque não te entretens com aquelle chocalhozinho de prata e com aquella argolinha de borracha, que estão juntos com o vestido?

— Porque agora sou grande.

— Pois o Brazil tambem cresceu, meu filho, e precisou mudar de *Constituição*. Tu queres que toda a tua vida te governe eu ou qualquer outra pessoa como te governo hoje, que és uma criança? Quanto te fizeres

homem, não te chegará tambem a tua vez de te governares por ti, de governar uma casa, de ser chefe de uma familia ?

— Tenho esperança, Papai.

— Pois com um povo acontece o mesmo. Um povo atrazado é como uma criança nova: não póde ter a liberdade de se governar por si. Quando vai se adiantando, já vai sabendo melhor o que ha de fazer; e, por fim, quando já está bem adiantado, póde governar-se como entender, porque póde julgar bem do que lhe convém melhor. Em 1889 o Brazil contava já 389 annos, isto é, quasi quatro, seculos, e, entretanto, quem o governava era um homem, que tinha o privilegio de governar porque o acaso o tinha feito nascer filho de outro homem, que, um dia, o povo escolheu por lhe convir pela capacidade, que nelle via, homem aquelle, que teria de governal-o durante toda a sua vida, e que, morrendo, deixaria em seu lugar, não o substituto que o povo indicasse como o mais digno, porém um filho ou uma filha, só pelo facto de ser seu filho ou sua filha !

— Mas isso era muito mal feito, Papai !

— Ah ! e ahi está porque os brazileiros quizeram mudar de Constituição. Agora governa o que o povo escolhe como *o mais digno*. Posso amanhã ser eu, como é hoje o Sr. Dr. Prudente de Moraes; poderás vir a ser tu, ou qualquer brazileiro, que o povo eleja. O eleito do povo póde ser máu, como podia ser bom ou máu o herdeiro do throno, que o acaso do nascimento désse para nos governar; mas, ao menos, não é *vitalicio*, e todos nós temos o direito de esperar ser pelo nosso merecimento o que elle nasceria pelo acaso. E essa esperança, que póde ter todo e qualquer brazileiro, só póde trazer beneficio: trabalharmos todos para bem merecer dos nossos patricios,

certos de que elles nos darão até a honra do seu governo, se nos julgarem dignos d'ella. E antes de 1889 ? Chefe de Estado ninguem podia ser, si não nascesse na familia privilegiada; homem de posição, senão pelo favor do Chefe do Estado.

— E havia alguem que não quizesse a mudança da Constituição ?

— Os homens que governavam.

— Quem eram ?

— O chefe era o Sr. D. Pedro de Alcantara. (1). Cá está o retrato d'esse bom velho. Sua familia era a tal familia privilegiada—*a dynastia imperial* da Constituição antiga, que o pae d'elle deu ao Brazil. D. Isabel, casada com um francez só porque era principe—como si ser *principe* fosse mais do que ser um seu *digno compatriota*, Alvaro ! — D. Isabel, casada com o Conde d'Eu, é que devia succeder-lhe. Era elle o *Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil*, e o nosso Brazil, portanto, um *Imperio*, uma monarchia.

— Então os monarchistas são os que querem outra vez a Constituição antiga ?

— Exactamente, meu filho, a Constituição de que elles mesmos diziam tanto mal, quando o Imperador os contrariava.

— Que patetas, Papai !

— Essa palavra, Alvaro, ainda que um bocadinho *malcriada*, é, no sentido da tua comprehensão de criança, meu filho, a que mais lhes assenta. Realmente é uma tolice querer ser escravo de uma familia, de um chefe do acaso, quando a gente póde ser livre e escolher para governar o seu paiz aquelle que lhe parecer *mais digno*.

Galeria da historia brazileira ed Garnier, pag. 106.

Um imperador, Alexandre de Macedonia, quando morria cercado dos seus generaes, entregou o anel, que era o symbolo do governo, a um d'elles, e determinou que coubesse elle *ao mais digno*. Assim, os proprios imperadores, e aquelles que, como Alexandre, se têm distinguido, approvam o titulo de direito, que a Republica dá ao seu chefe :—*o mais digno*... Mas ha gente que não pensa assim : respeitemos a opinião de cada um. No mundo ha muitos monarchistas e muitas monarchias. Na America, porém, havia uma só : a nossa ; acabou-se, essa acabou-se. O que devemos, agora, todos, é amar a Republica ; trabalhar por tornal-a respeitada ; obedecer ás suas leis ; fazer a felicidade do povo, a que pertencemos ; e desejar ás nações, ainda escravas, que gosem o mais depressa possivel da mesma liberdade de que gosamos.

— E todos não estão fazendo isso, Papai ?

— Alguns, infelizmente, não ; outros, menos do que podiam. Mas, felizmente, a maior parte confia e espera tudo da liberdade, que a nova Constituição lhe deu, abrindo a cada cidadão a estrada para a honra do governo supremo pelo caminho sem privilegios, que leva a ser *o mais digno*. Tu, a que grupo pertences ?

— Papai pergunta ? ! A Republica na ponta sempre ! Mas quem é este Visconde de Ouro-Preto, que vejo aqui, no meio de tantos outros, em volta do retrato do Senhor D. Pedro de Alcantara ?

— Era o presidente do conselho de ministros do imperador ; e os que o rodeiam, eram os seus companheiros, isto é, os ministros, quando o povo resolveu mudar a Constituição.

— E elle não deixou ?

— Tanto deixou, Alvaro, que ella se mudou. Mas foi contra a sua vontade. Isso deu causa a uma revolução, tambem. Infelizmente não houve sangue, a não ser numa troca de tiros entre o Barão do Ladario, hoje Senador da Republica, José da Costa Azevedo, eleito pelo Amazonas, e então ministro da marinha, e alguns militares.

— Tiros?... Mas porque os militares deram tiros contra o Barão do Ladario?

— Ah, meu filho, comprehendes que, numa revolução, nem sempre é facil perceber as cousas para contal-as exactamente como se passaram. Isso foi na manhã de 15 de Novembro de 1889, no Campo da Acclamação, hoje Praça da Republica, nesta cidade do Rio de Janeiro. Tu tinhas apenas sete annos. Havia já muitos annos que alguns brazileiros, bastantes, aqui, ali e além, pensavam em fazer da sua Patria uma Republica, isto é, em dar-lhe um governo livre, e, por isso, trabalhavam por mudar a sua Constituição. E quem mais os favorecia e apressava a mudança eram mesmo os partidos, que, então, sustentavam a monarchia, pois, quando o Imperador lhes tirava o governo, iam para os jornaes e diziam tudo ruim, e, quando elle os chamava para o governo, nada faziam que prestasse. Em todo o Brazil, e em todas as classes do povo, já se pensava na Republica e se desejava a sua vinda. Ora, entre a classe militar e o Governo tinha-se travado, havia alguns annos, uma luta, em que o Governo procurava humilhar os militares, e os militares se defendiam pedindo que fossem cumpridas as leis e respeitada a sua dignidade. Mais tarde conhecerás os factos, que deram causa a essa luta. Mas, desde que ella se dava, naturalmente os partidarios da Republica, que pertenciam á classe militar,

tinham como certo que o melhor meio de acabar com as questões entre Governo e militares era mudar o Governo, isto é, dar á Nação um Governo mais digno. Assim, os republicanos do exercito facilmente se ligaram aos que não pertenciam ao exercito, e, reunidos, conseguiram o apoio dos que, sem serem republicanos, acceitariam um governo, que não perseguisse e maltratasse a classe militar. Todos os republicanos, portanto, e os descontentes com a conducta do governo, começaram a combinar no melhor meio de mudar a situação do paiz. — Por seu lado, o governo do Visconde de Ouro Preto, sabendo do que se passava, ia-se dispondo para o que acontecesse. Vês, conseguintemente, que as cousas estavam preparadas de parte a parte, e um facto qualquer poderia servir para o rompimento. Esse não tardou. Constando que dois batalhões, de que o Governo desconfiava, teriam ordem de marchar para Matto Grosso, os chefes militares acharam que se deviam oppôr a essa ordem. Na manhã de 15 de Novembro, portanto, apresentou-se o Marechal Deodoro com o Tenente-Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1) no Campo da Acclamação, em frente ao Quartel general do Exercito, acompanhado das tropas contrarias ao Governo. O Governo, que sabia do movimento, estava tambem no quartel a essa hora. A postos as forças revolucionadas, defronte do quartel, com a sua artilheria contra elle voltada, e a postos as forças com que o Governo contava dentro do quartel, comprehendes que uma luta, e luta pavorosa, sanguinolenta, mortifera, estava rompe, não rompe! O Marechal Deodoro manda, então, communicar ao Visconde de Ouro Preto o pro-

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 84.

posito e resolução d'aquelles, que commandava. O Visconde, ameaçado por essa intimação, ordena que se rompa fogo, contra a força insubordinada, tomando a infanteria, á bayoneta, a artilharia postada diante do edificio, como muitas vezes se tinha feito no Paraguay. O ajudante-general do exercito, que era o Marechal Floriano Peixoto, responde a essa ordem que, no Paraguay, tinha sido possivel fazer o que o Visconde determinava, porque lá os brazileiros estavam diante de inimigos, e não de irmãos. Nestes entrementes, o Marechal Deodoro avança para o portão do quartel, que se lhe franqueia, e entra por elle a dentro no meio das acclamações da tropa ali recolhida. O Visconde de Ouro Preto comprehendeu que perdera a jornada, e os chefes civis, entre os quaes os Srs. Quintino Bocayuva (1) e Aristides Lobo, acercando-se do Marechal Deodoro e do Tenente-Coronel Benjamin Constant, gosaram do prazer indizivel de ouvir consorciadas a victoria da dignidade do Exercito e a da liberdade da Patria no brado de: *Viva a Republica*! com que o intrepido soldado, alevantando o bonet, (2) annunciou ao Povo por entre o troar dos canhões e o applauso enthusiastico das forças, o fim da revolução e o seu baptismo de livre.

—E o Imperador, Papai?

—Descendo de Petropolis ao receber a communicação do occorrido, acolheu se ao Palacio da cidade, onde o Governo Provisorio, logo constituido, o mandou guardar por tropa de cavallaria, e ahi lhe foi presente a intimação para que se retirasse do Brazil com a sua familia, visto que o Exercito e a Armada Nacionaes, em nome do Povo,

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 84.
(2) » » » » » » » 81.

o destituiam do seu poder e adoptavam a fórma republicana, cumprindo que embarcasse a 17, como, de facto, embarcou, cercado de toda a deferencia devida a quem, por tantos annos, exercera o cargo de Chefe do Estado.

— Para que isso, Papai? Que mal fazia deixar o pobre velho no seu paiz, que elle devia amar como nós?

— E que amava muito mesmo, Alvaro; e pelo qual quiz fazer muita cousa; e a que morreu convencido de haver feito muito bem. Mas que queres? Porque foi que, ás vezes, quando eras pequenino, tua mãi, tão bôa, tão carinhosa, tão sensivel á menor brutalidade, levantou o chinelo, e chegou mesmo a zangar se e a te bater com elle? Foi para que tomasses aquelle remedio horrivel, que ella tinha toda a fé que te salvaria de maiores males. O mesmo acontece para que um povo tenha saude, viva bem: ás vezes é preciso que, os que o governam, não escutem o coração. Se ficasse aqui o Imperador, poderiam dar-se perturbações—lutas entre os seus amigos e os homens da revolução. Como foi (embora seja triste que os seus amigos nada, nada, por elle, tentassem, ao menos), foi melhor. Elle, que lia muito, devia saber que *ser imperador é ter escravos*, e que os escravos conspiram sempre pela sua liberdade, ainda que, para conseguil-a, se arrisquem ao carcere, ao ferro e ao fogo. Elle sabia que Carlos de Inglaterra e Luiz de França, com a corôa, perderam, mais do que Patria, a cabeça. Doloroso, o banimento não podia ter para o Sr. D Pedro de Alcantara o espinho da surpreza. Foi melhor como foi: o seu paiz queria e tinha direito a uma nova Constituição.

— E quem foi que a fez?

— Já te disse que foi uma Assembléa Constituinte eleita, expressamente para esse fim, pelo povo. Mas, em-

quanto não se elegia essa Assembléa, e para elegel-a, o Marechal Deodoro tomou conta do Governo, com os homens, cujos retratos vês nessa folha do album. Foi esse o Governo Provisorio, isto é, o Governo do *«emquanto não se faz a Constituição»*. O Governo Provisorio conservou-se, com algumas modificações, no poder, até 25 de Fevereiro de 1891. Os Srs. Aristides Lobo e Demetrio Ribeiro foram substituidos pelos Srs. José Cesario de Faria Alvim e Francisco Glycerio, e o Marechal Floriano Peixoto entrou para a pasta da Guerra, passando o Tenente Coronel Benjamin Constant para a da Instrucção Publica, Telegraphos e Correios, então creada. Pedindo, a 20 de Janeiro de 1891, demissão, os ministros do governo assim formado, o Marechal Deodoro chamou o Barão de Lucena, que formou o ministerio, que vês na pagina seguinte. A 24 de Fevereiro foi promulgada a Constituição, e a 26 (1) começou o Governo do 1.º Presidente com esse ministerio.

— Quanto tempo governou o Imperador, Papai?

— Desde 1840 até 15 de Novembro de 1889—quantos annos vão?

— Quarenta e nove.

— Já não é um pequeno reinado, não achas?

— Então, quando tu nasceste, quem governava era elle?

— Si eu sou de 1860, me parece que sim.

— E quando vovô nasceu?

— Recuando assim, não acabaremos mais. E'a minha hora. O Vovô que te responda, meu filho; é fonte limpa.

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 84.

III

— Onde é que tu foste hoje de manhã, Vovô ?

— Porque perguntas ?

— Porque eu fui te procurar no teu escriptorio e tu não estavas.

— E o que me querias ?

— Que me ensinasses uma cousa.

— Tinha ido a uma missa por alma de um bom homem.

— Quem, Vovô ?

— O ultimo imperador.

— Ah, então tu és monarchista ? !

— E só os monarchistas é que vão á missa por alma de imperadores, Alvaro ?

— Eu acho que só, Vovô.

— Pois tu te enganas. Acredito mesmo que muitos dos que lá foram são dos melhores republicanos, com que a Patria póde contar. O Sr. Pedro de Alcantara, meu Alvaro, foi imperador como a sua indole, a sua educação e o caracter de seus auxiliares lhe permittiram. Fez, nessa qualidade, bem, e fez mal ; mas, emfim, o que está

fóra de toda e qualquer duvida, é que, como homem, era bem intencionado e amava o seu paiz e os seus compatriotas. Foi, como eu, um funccionario publico; tive occasião de tratar com elle em virtude do meu officio, e essas relações convenceram-me de que elle era digno da minha amizade, que não duvidei consagrar lhe, e de que eu lhe aceitasse a sua, com que sempre me distinguiu. Indo á missa, pois, por alma de um amigo, a quem as idéas politicas de mim separaram, não offendi, com isso, os meus sentimentos republicanos, nem os de ninguem. O que fiz foi prestar uma homenagem, devida pelo meu affecto, á memoria de uma pessoa cara e venerada, que exerceu o seu cargo com probidade. Honrei sua memoria, como desejo que honrem a minha os que me sobreviverem. Ahi tens o sermãozinho, a que me obrigaste, meu *jacobino*, e anda lá que bem pregádo. Agora dize o que ordenas do teu Vovô?

— Queria saber quem governava o Brasil, quando tu nasceste?

— Era o pai do Imperador.

— De que imperador?

— D. Pedro II.

— D. Pedro II?! Então houve D. Pedro I?

— Certamente: o antecessor do II.

— Mas o nome d'elle?

— De qual? Do I ou do II?

— Do II.

— D. Pedro de Alcantara.

— Ah, esse eu conheço. E' o que foi-se embora. E o do pai?

— D. Pedro IV de Bragança. (1)

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 100.

— IV ou I? Donde sahiu Bragança agora?

— E' IV e I. IV de Portugal e I do Brazil. Tu não és o primeiro filho de teu pai e meu quarto neto? De Bragança, porque pertencia á dynastia de Bragança.

—IV de Portugal e I do Brazil? Não entendo, Vovô.

—Vejo que não, mas vou explicar-t'o.O Sr. D. Pedro de Alcantara, que conheces, foi D. Pedro II do Brazil, filho do Sr. D. Pedro I, que foi tambem D. Pedro IV de Portugal.

— E a gente póde ser imperador de dois lugares ao mesmo tempo.

— Porque não? O rei da Suecia é rei da Noruega; o Imperador da Allemanha é rei da Prussia; a rainha da Inglaterra é imperatriz das Indias.

— Mas quem é que fez D. Pedro IV de Portugal ser D. Pedro I do Brazil?

— Quem fez D. Pedro de Bragança, depois D. Pedro IV de Portugal, ser D. Pedro I do Brasil foi a Constituição antiga, cujo art.4º dizia: «*A dynastia imperante é a do Sr. D. Pedro I, actual Imperador e Defensor Perpetuo do Brazil*,» reconhecendo assim a posição, que os factos anteriores lhe tinham dado

— Mas uma pessoa não fica rei só quando falta o rei?

— Sim; mas eu te fallei agora mesmo dos *factos anteriores* á Constituição, que deu o governo á dynastia de D. Pedro de Bragança Foi uma *revolução*, que fez D. Pedro imperador.

— E quem é que era imperador, quando houve essa revolução?

— Ninguem.

— Ninguem?! E, então, quem é que nos governava?

— Portugal.

— Portugal?! Um paiz póde governar outro?

— Como teu pai te governa. O paiz, que governa, é a *metropole*, e o paiz governado, a *colonia*.

— Então, até o governo de D. Pedro I, Portugal era nossa metropole, e o Brazil uma colonia de Portugal ?

— Justamente.

— E contra quem foi, então, a revolução ?

— Contra Portugal, naturalmente.

— Porque ?

— Porque o Brazil queria fazer o que tu tambem has de querer d'aqui a meia duzia de annos: governar-se por si mesmo, *ser autonomo*.

— Como fizeram os Estados-Unidos, separando-se da Inglaterra.

— Bravos ao historiador ! Tal e qual.

— E quem foi que, aqui no Brazil, fez como Jorge U... ó... chim... O que mesmo ?...

— Washington. Foi D. Pedro.

— Mas elle não era Portuguez e rei de Portugal ?

— Era portuguez, mas não era rei de Portugal.

— Vovô, tu estás muito trapalhão ! Pois tu não disseste que D. Pedro I do Brazil era D. Pedro IV de Portugal ?

— Disse.

— E então ?

— E então ?

— Como desmanchas esse embrulho ?

— Desembrulhando-o, naturalmente. D. Pedro, quando foi I do Brazil, não era ainda IV de Portugal.

— E como é que, sendo I do Brazil, veiu a ser IV de Portugal ?

— Porque morreu seu pai, e, sendo elle o herdeiro, devia succeder-lhe.

— Antes ou depois de ser I do Brazil ?

— Depois, Alvaro, está claro, tanto que, não podendo exercer o governo de Portugal por ter acceitado o do Brazil e não lh'o permittir a Constituição dos dois paizes, passou a herança á sua filha D. Maria, nomeando D. Miguel, seu irmão, para regente.

— E o pai não tinha ficado zangado, quando elle separou o Brazil de Portugal ?

— Quem te disse que separou ?

— Pois tu não disseste ha pouco que elle fez no Brazil como Jorge Washington nos Estados Unidos ?

— E' exacto, é exacto.... O pai procurou, ou fingiu procurar, desfazer o que o filho fez ; mas, não podendo vencer o Brazil na *Guerra da Independencia*, acceitou dois milhões de libras esterlinas e deixou-o em paz com o filho por imperador.

— E porque é que D. Pedro, que era portuguez, tomou o partido do Brazil ? Washington tambem era inglez ?

— E' difficil te responder, meu filho. A tua pergunta é muito razoavel, porque a *«patria»* não é *«onde a gente está bem»*, não ; — A PATRIA NÃO SE TRAZ NAS SOLAS DOS SAPATOS. Mas que posso eu saber das intenções com que qualquer homem faz alguma cousa ?... Baste-nos saber que elle tomou o partido do Brazil, separou-o de Portugal, deu-lhe uma Constituição, e, por ella, o *privilegio* do governo á sua dynastia, o que, valha a verdade, equivaleu a tirar-nos apenas do jugo a uma outra nação para sermos escravos de uma familia.

— E', Vovô ; mas, felizmente, a Republica acabou com esse privilegio, e, agora, tu, o Papai, ou eu, qualquer de nós, póde ser Presidente.

— Se fôr digno, Alvaro, se fôr digno. Eu, por meu lado, porém, o que quero é descanço : a velhice não per-

mitte á gente desejar posições difficeis. Mas que satisfação para mim vêr-te no caminho de prestares á tua Patria os mais altos serviços !

— Tu has de ir á festa de 15 de Novembro commigo, Vovô !

— De bom grado. Mas porque não te lembraste antes, agora, que falamos em D. Pedro I, de convidar-me para a de 7 de Setembro?

— Que tem 7 de Setembro ?

— E' o anniverssario da nossa Independencia.

— Independencia ?

— Sim, a nossa separação de Portugal.

— Com um imperador ?

— E o que tem isso, Alvaro, se foi esse o caminho da Republica ? Porque dessemos a corôa a um principe ambicioso, ou comprassemos a nossa liberdade por dois milhões, deixámos de ficar uma nação independente ? Não nasceu a tua Patria nesse dia ? Olha que os bons republicanos não tem esses escrupulos futeis de pessoas e cousas. Nem porque as espadas, com que saudaram as tropas o raiar do dia 15 de Novembro, tinham na lamina as armas do Imperio, deixou o triumpho de ser esplendido, e a conquista grata á alma republicana.

— Mas olha, Vovô, que tu estás falando como se eu soubesse de tudo. E eu nem sei como D. Pedro I veiu ao Brazil.

— E queres, então, que te conte a historia do tempo, em que eu não era nascido !

— Quando é que tu nasceste ?

— Tenho 74 annos : faze a conta.

— Quem de 1896 tira 74 : 6 tira 4, 2 ; 9 tira 7, 2 — 1822, não é ? Ah! é verdade, e sei até o dia !...

— Se o não soubesses ?

— Ficavas mesmo, mesmo zangado ?

— Brejeiro !... Não sabes, então, como D. Pedro I veiu ao Brazil ? E sabes como D. Pedro de Alcantara foi II. ?

— Porque morreu o I ?

— Não. Assim é preciso que te explique isto antes d'aquillo.... Mas, Alvaro, os velhos cançam. A minha *madorna* está chamando por mim : vou cochilar um pouco. Setenta e quatro annos !... Faze idéa que sou um homem do tempo da Independencia !... Quasi do tempo do onça !...

IV

— Duas horas, Vovô.

— Já?

— Em ponto. Cochilaste uma boa hora e meia.

— De tormento para ti, curioso.

— Sim, mas eu não perdi meu tempo. Sabes aquelle livro grosso da tua estante?.. Tirei-o, e achei lá o retrato de D. Pedro I. Quiz lêr, mas a lettra é tão miuda! E, demais, os livros da gente grande não falam que a gente pequena entenda. Aquelle outro retrato, que vem antes do d'elle, ha de ser o pai, não? Parece-me que eu li D. João, mas não me lembro do numero, si IV, si VI.

— VI, VI. Mas não alteremos a ordem da nossa explicação para que te não confundas.

— Queres saber quando é que D. Pedro de Alcantara se tornou II, não é isso? Foi em 1840, isto é, quando eu tinha dezoito annos. Elle tinha quinze, porque nasceu tres annos depois de mim.

— E com tão pouca idade a gente póde ser imperador?

— Elle o foi. Seu pai, nove annos antes, em 1831, se retirara do Brazil, deixando-o com cinco e pouco.

— Porque?

— Porque o povo, a 7 de Abril d'esse anno, o obrigou a isso.

— Como fez ao marechal Deodoro a 23 de Novembro, sessenta annos depois?

— E por motivos algum tanto parecidos.

— Esqueceu-se da Constituição?

— Nunca se importou muito com ella.

— E, quando elle sahiu, se o filho era tão pequeno, como havia de governar?

— Os senadores e deputados, que estavam no Rio de Janeiro, reuniram-se e nomearam uma regencia provisoria, (1) mais tarde substituida por outra definitiva, que governou até 1834.

— Mas o que é regencia, Vovô?

— E' uma especie de governo provisorio, sabes? Homens, que governam emquanto o rei ou imperador é menor, ou está impedido por algum motivo. Lembra te que o Sr. D. Pedro de Alcantara tinha só cinco annos e meio quando seu pai se foi embora.

— E essa regencia governou até elle ter quinze annos?

— Já te disse, que depois de uma provisoria, foi nomeada outra definitiva, que governou até 1834. Em 1835 foi eleito um só regente, em vez de tres. A escolha recahiu num paulista, o Padre Diogo Antonio Feijó, (2) que devia reger por quatro annos, mas que resignou o governo em 1837.

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier pag. 102 e 104
(2) » » » » » » pag. 104.

— Porque ?

— Porque lhe faziam muita opposição.

— Como ?

— Contrariavam o seu governo : não o auxiliavam.

— E quem lhe succedeu ?

— O Ministro do Imperio, Sr. Pedro de Araujo Lima, (1) depois Marquez de Olinda, e que eu conheci muito.

— E quem governou depois d'elle.

— D. Pedro II, que foi declarado maior a 23 de Julho de 1840.

— O que quer dizer declarado maior ?

— Quer dizer que a Camara decidiu que o Sr. D. Pedro de Alcantara podia tomar o governo com essa idade, embora a Constituição o declarasse, no seu art. 121, menor até á idade de 18 annos completos.

— E porque não esperaram em obediencia á Constituição ?

— Porque, estando os partidos em luta muito forte, pareceu que esse era o melhor meio de evitar perturbações.

— E porque é que ha partidos, Vovô ?

— E' porque ha opiniões differentes; uns pensam que é melhor governar d'este modo, outros, d'aquelle.

— E o Imperador podia impedir a luta ?

— Não, Alvaro ; mas podia moderal-a, e isso era mais facil desde que nenhum dos partidos podia querer que o regente fosse escolhido entre os seus partidarios.

— E moderou-a ?

— Sim, porque procurou contentar a todos, chamando para seus ministros ora os conservadores, ora os liberaes.

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier. pag. 140.

— O que eram conservadores e liberaes ?

— Os homens dos antigos partidos : o partido dos que não queriam reformas adiantadas, e o dos que as queriam. Mas os nomes andaram trocados, porque os conservadores é que fizeram as reformas mais liberaes da monarchia, como por exemplo a libertação dos escravos. O Imperador, repartindo o poder com elles, governou quarenta e nove annos.

— E governou bem ?

— Nem, eu, nem teu pai te podemos responder, meu caro. Nós nunca somos bons juizes dos homens, que vivem no mesmo tempo que nós. Um *conservador* chamou ao Sr. D. Pedro II de *Cesar caricato*, isto é, de homem que queria parecer grande e só conseguia tornar-se ridiculo ; e um *liberal* disse que, no Brazil, a farda de ministro era uma *libré de lacaio*, isto é, que só poderia auxiliar o Sr. D. Pedro II um homem de pouco brio, que se prestasse a fazer tudo quanto elle quizesse. Mas, ambos esses homens, depois de dizerem isso, foram ministros do Imperador, e nenhum d'elles serve hoje á Republica.

— E tu não achas isso muito feio, Vovô ?

— Acho ; porém os homens, que andam mettidos nos partidos e governos, procedem, não raras vezes, d'esse modo, isto é, sem acompanharem as suas palavras com os seus actos, e tem sempre razões, com que justificam a sua conducta. Seria preciso ouvil-os.

— Eu espero que nunca hei de fazer como elles. Mas ainda não me contaste como D. Pedro I veiu para o Brazil e se fez imperador

— Veio com seu pai.

— D. João VI ?

— Sim, D. João VI, (1) que estava governando Portugal como regente, porque sua mãi, D. Maria I, (2) tinha enlouquecido.

— E porque é que não ficou em Portugal ?

— Porque os Francezes atacaram esse paiz e elle achou mais seguro asylar se no Brazil.

— Fugiu, então, de Portugal ?

— Eu não disse tal, nem a historia o diz. Refugiou-se até que Portugal se visse livre do inimigo. Isto é fugir ?

— Quando foi isso ?

— Em 1808.

— E para onde veiu ?

— Esteve na Bahia desde 23 de Janeiro até 26 de Fevereiro, e depois partiu para o Rio de Janeiro, onde chegou a 7 de Março. A 26 de Abril de 1821 voltou para a sua terra.

— Então demorou se treze annos. E porque voltou ?

— D. Maria I, sua mãi, morreu no Rio de Janeiro em 1816, e, por isso, foi elle corôado rei de Portugal (3) Ora, em Portugal, em 1820, houve uma *revolução*.

— Mas, Vovô, o povo parece que está sempre fazendo revoluções. Revolução em 1820 — revolução em 1822 — revolução em 1889 — revolução em 1891. Já quatro !

— E quantas outras, quantas, meu filho, não tem havido ! O povo não socega emquanto não alcança a sua liberdade, ou não repara as injustiças, que lhe fazem.

---

(1) *Galeria de historia brazileira* ed. Garnier, pag. 98.
(2) » » » » » » » »
(3) » » » » » » » »

— Mas o povo portuguez não era livre ? Ou tinha soffrido alguma injustiça ?

— Era livre, e não era. Era, porque era uma nação independente, autonoma ; não era, porque tinha um rei absoluto.

— O que é rei *absoluto !*

— E' o que governa como quer — sem uma Constituição.

— E porque não tinham feito Constituição ?

— Porque todos os povos, Alvaro, são a principio governados pelos padres, depois pelos chefes militares ou reis, e, finalmente, por chefes constitucionaes. Parecem com as crianças : quando muito pequeninas, as mãis governam-nas pelo carinho (e pelo mêdo do papão, o que é mal feito) ; quando crescem mais, ás vezes é preciso até governal-as pela força ; e, finalmente, quando se fazem homens e criam juizo , é que podem ser dirigidas pela razão.

— E em 1820 os Portuguezes fizeram a sua Constituição ?

— Que remedio teve o rei senão fazer-lhes a vontade ? Os revolucionarios venceram no Porto, e D. João, voltando para Portugal, que se sentia contrariado pela sua ausencia, deixou D. Pedro como governador do Brazil com o titulo de *principe regente.*

— Ah, então, quando D. Pedro separou o Brazil de Portugal, elle estava encarregado pelo pai de governar o Brazil ?

— Sim, estava.

— Mas o que elle fez não foi uma traição ?

— Calcula que, tendo D. João VI deixado o governo a D. Pedro, as Côrtes portuguezas mostraram-se muito contrarias ao Brazil...

— O que são as Côrtes ?

— O mesmo que o nosso Congresso. Calcúla que as Côrtes mostraram-se muito contrarias ao Brazil e ao governo do principe, e responde tu mesmo á tua pergunta. D. Pedro foi um traidor, ou ligou a sua causa á dos Brazileiros, porque lhe pareceu ella justa ?

— Mas o que fizeram as Côrtes, Vovô ?

— Mandaram, entre outras cousas, que o principe voltasse para Portugal, supprimindo tudo que se tinha creado de importante no Brazil durante a estada do rei no Rio de Janeiro, e deixando-o simplesmente como Governador do Rio de Janeiro.

— E porque foi que o principe não voltou ?

— Porque o povo de S. Paulo e do Rio de Janeiro instou para que elle ficasse.

— E os Portuguezes o que fizeram ?

— As tropas, que estavam no Rio de Janeiro, preparam-se para a luta contra os colonos rebeldes, e o povo e a tropa brazileira fizeram o mesmo para lhes resistir. Mas não houve luta, não. Os Portuguezes, a 15 de Fevereiro de 1822, retiraram-se para a Europa. O principe, então, chamou para seu ministro a José Bonifacio de Andrada e Silva, homem de lettras e sciencias, que muito se havia já distinguido, e a quem, principalmente, se deveu a independencia da nossa Patria. Deves ter visto a sua estatua (1) em frente á Escola Polytechnica.

— Por signal que é bem á tôa comparada com a sua visinha do Largo do Rocio...

— Ah! a monarchia era muito geitosa em fazer para si, e para os seus, as contas de grão-capitão. Si lisonjear o senhor era o segredo dos politicos!...

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pags. 40 e 76.

— E como foi que se fez a independencia?

— D. Pedro já tinha combatido por toda a parte as intrigas dos que se oppunham ao seu governo—no Rio, na Bahia, em Pernambuco, em Minas e em São Paulo. Mas os Portuguezes e seu governo, cada vez inventavam novos meios de embaraçar o Brazil. Ora, estando em S. Paulo, voltava, D. Pedro, de Santos para a Capital, quando, nas margens do Ypiranga, foi alcançado por um proprio, que lhe trazia correspondencia do Rio. Dando-se pressa em examinar essa correspondencia, ficou, por ella, ao facto do que se estava passando em Portugal e, indignado da má vontade dos Portuguezes, obedeceu ás suggestões, que, em carta, lhe fazia José Bonifacio. Arrancando da farda o laço das côres portuguezas e bradando *Independencia ou Morte*, declarou, por essa fórma, o Brazil separado de Portugal, isto é, deu-nos uma Patria livre.

— Imagino que contentamento, Vovô, essa noticia espalhou por todo o paiz!

— Não pódes fazer idéa. Meu pai, teu bisavô, que estava em S. Paulo, e tinha, nessa época, seus vinte e oito annos, contava me pelo miudo as festas, que se celebraram, e a alegria immensa do povo. Olha: aqui tens uma cópia do quadro do nosso pintor Pedro Americo, em que está representado o momento da proclamação (1). Fica-o admirando, emquanto eu vou escrever umas cartas. Aqui tens um folheto explicativo com o nome das pessoas, que tiveram a felicidade de assistir ao grande acontecimento.

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 28

V

— Papai, eu já sei muito mais do que tu pensas. Escuta cá. Vovô nasceo no anno da Independencia, quando governava o Brazil D. Pedro como principe regente.

— Bravo!

— E teu avô assistiu ás festas da Independencia, proclamada em S. Paulo, nas margens do Ypiranga a 7 de Setembro de 1822.

— Bravissimo!

— Mas ainda não sei como D. Pedro I se fez Imperador.

— Vais sabel-o. No dia 12 de Outubro, o Senado da Camara do Rio de Janeiro, attendendo á posição, que D. Pedro tomára, proclamou-o; no dia 1º de Dezembro foi elle corôado, e, a 18 de Novembro de 1823, viu sahirem para a Europa as ultimas tropas portuguezas, que tivera de combater.

— Então elle não foi eleito pelo povo?

— A *proclamação* tambem é uma fórma de eleição.

— E quem fez a Constituição com que elle devia governar?

— Uma Assembléa Constituinte se reuniu para fazel-a. Mas como essa Assembléa entrou em desaccôrdo com o Imperador, elle a dissolveu á força.

— O que é dissolver?

— E' mandar embora, não consentir que trabalhe para o que o povo a elegeu. O Marechal Deodoro fez a mesma cousa, mas o povo obrigou o a deixar o governo, como já sabes, e convocou outra vez o Congresso illegalmente dissolvido. Dissolvendo a Constituinte, D. Pedro fez elle proprio a Constituição, que mandou distribuir e aceitar pelas Camaras Municipaes; que jurou cumprir a 25 de Março de 1825, e que teve valor até 1889.

— Ah, sei! Foi a que deu o throno a seu filho D. Pedro, e que a revolução substituiu pela que fez do Brazil uma Republica. E o governo de D. Pedro I, desde ahi até 1831, foi bom?

— Acreditas tu que, si o fosse, o povo o teria obrigado a abandonar o throno?

— Mas o povo tambem póde ser injusto, Papai.

— Poucas vezes o é, Alvaro. Diz o rifão: « *Voz do povo, voz de Deus* ».

— E, depois que elle se foi embora, o que ficou sendo?

— Duque de Bragança simplesmente. Já sabes que, pertencendo-lhe o throno por morte de seu pai D. João VI, elle o passou á sua filha D. Maria II, encarregando da regencia o seu irmão D. Miguel por ser a princeza menor. Ora, D. Miguel apoderou se do throno, que assim lhe fôra confiado, sob o pretexto de que, na falta de D. Pedro, deveria pertencer-lhe. Tomando as armas,

bateu D. Pedro o usurpador e entregou o governo á sua herdeira, que, como viste, foi a segunda rainha do nome.

— Mas não tinha sido melhor, Papai, proclamar a Republica logo que se fez a Independencia?

— Sem duvida; mas o que lucramos em conjecturar isso, se assim não foi? A historia conta *o que foi* e não *o que poderia ter sido*. Antes mesmo da Independencia, porém, como logo depois da abdicação, os Brazileiros pensaram em proclamal-a.

— Antes?

— Sim; em 1788.

— Teu vovô já era nascido?

— Espera. Meu pai nasceu em 1822; quando elle nasceu, meu avô tinha 28 annos. De 1822 tirando 28.... ficam 1794. Seis annos antes, Alvaro.

— No tempo de D. João VI?

— No de sua mai D. Maria I.

— A que ficou louca?

— Sim, e morreu no Rio de Janeiro.

— E quem foi que quiz fazer a Republica? Houve alguma revolução?

— Não houve; houve só uma *aspiração*.

— E essa aspiração, porque não foi adiante?

— Porque souberam d'ella.

— Quem?

— O governo da Colonia.

— Como?

— Porque um traidor lh'o communicou.

— Um traidor?! Como se chamava?

— Joaquim Silverio dos Reis.

— Era Brazileiro esse malvado?

— A morte já lhe fez a conta, Alvaro! Era.

— E a sua traição fez mal a alguem?

— Levou á forca um homem e condemnou a degredo perpetuo muitos outros.

— A' forca ?!

— Sim, ali perto do Largo do Rocio, do mesmo largo, em que se ergue hoje a estatua de D. Pedro I, (1) que fez o que aquelle martyr queria ver feito, com uma differença—separou o Brazil de Portugal, mas roubou aos Brazileiros o direito de governarem os seus compatriotas, quando estes os julgassem *os mais dignos*, reservando-o como um privilegio para si e para sua familia.

— Mas quem foi esse martyr ?

— O mesmo que deu a esse largo o nome com que a Republica o baptisou: o *Tiradentes*. (2)

— Tiradentes ?

— Por appellido. Um mineiro de nome Joaquim José da Silva Xavier.

— E porque o enforcaram ? Não era bastante ter impedido que se satisfizesse o seu desejo, e desterral-o com os seus companheiros ?

— Mas não foi. A rainha D. Maria I julgou imperdoavel no Tiradentes o crime, que seu neto, trinta annos depois, praticou, e pelo qual lhe deu o povo o sceptro e a corôa de imperador. Assim julgando, quiz que a lição do Tiradentes servisse de escarmento aos Brazileiros, que sonhassem com a sua liberdade. O Tiradentes, pois, em seguida ao seu enforcamento, teve o corpo espostejado, a cabeça levada para Villa Rica e exposta na praça, sua casa destruida, e sua familia declarada infame.

— Mas a gente d'esse tempo não tinha coração, Papai ?

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 100.
(2) » » » » » » » 32.

— Não invento, meu filho; mas pensa nisto e vê quanto estamos adiantados hoje, e quanto são horriveis para o nosso seculo as barbaridades de castigos, como aquelle que tanto te indigna.

— Foi, então, em Minas que houve essa aspiração á independencia ?

— Sim, em Ouro Preto, naquelle tempo Villa Rica.

— Quem eram os homens, que se lembraram de tal ?

— Pouco te adiantaria conhecer o nome de homens, que, no momento do perigo, se acobardaram, rejeitando a responsabilidade de suas idéas. O do *forte*, do *martyr*, do *immortal*, já o conheces. Foram aquelles, entretanto, pessoas de representação no tempo e lugar: litteratos, juizes e militares, sobretudo, com alguns moços, que tinham estudado na Europa e aprendido a amar as idéas de liberdade espalhadas pela revolução franceza.

— Que revolução franceza ?

— A Grande, a de 1789, a que custou a vida ao rei Luiz XVI e tornou iguaes diante da lei todos os homens.

— Até ahi não eram, então, Papai ?

— Qual, meu filho ! Os fidalgos e os padres tinham tudo em seu favor; o povo, nada.

— Então foi uma bôa revolução ?

— Se foi ! ... Muita gente acha que é corromper as crianças dizer-lhes que é bom o que a sua justiça imparcial lhes está dizendo que é bom: mas, quando leres a sua historia e tiveres mais idade, has de vêr que teu pai não te enganou e quantos beneficios deve a Humanidade á revolução franceza de 1789.

— E o que é que os homens de Minas tinham combinado, Papai ?

— Seu plano era proclamar a Republica, fundar uma universidade em Villa Rica, mudar a capital para S. João d'El Rei, e adoptar uma bandeira com a divisa «*Libertas quæ sera tamen*», isto é, «*Liberdade, ainda que tarde*». Para romper a revolução, deviam esperar que o governo mandasse cobrar os atrazados, que o povo estava devendo dos impostos sobre o ouro.

— Porque ?

— Porque os impostos eram muito pesados; a divida já estava muito crescida, e o povo, descontente com o governo, daria auxilio aos revolucionarios.

— Bem pensado ! Boa idéa ! E porque o povo não os auxiliou ?

— Porque o Visconde de Barbacena, que governava Minas, suspendeu a cobrança e tirou assim o bom pretexto aos patriotas.

— E o que fizeram elles, então ?

— Si pouco tinham feito, além de conversas e planos sem meios de realisação, nada mais poderam fazer. Foram presos quasi todos os que estavam de accôrdo em semelhante aspiração, inclusivamente o Tiradentes, que se achava no Rio de Janeiro, onde tinha ido no intuito de conseguir apoio ás idéas dos mineiros; foram processados, e, a 18 de Abril de 1792, condemnados.

— Olha, Papai; não te parece que a rainha mereceu bem acabar como acabou ?

— E não achas singular, Alvaro, que, conforme te fiz já notar, fosse o neto quem désse ao Brazil essa liberdade, cuja aspiração a avó quiz afogar no sangue do Tiradentes ?

— Mas porque escolheram uma mulher tão má para governar Portugal ?

— A morte de seu pai lhe deu direito a tanta honra.

— Quem era o pai d'ella?

— D. José I (1).

— Governou tambem o Brazil?

— Que pergunta, meu filho! Como o governou seu avô, e como o governaram todos os reis de Portugal desde D. Manoel I (2).

— E foram muitos?

— Quatorze até D. João VI, contando com Philippe II, (3) III (4) e IV (5) de Hespanha.

— Porque?

— Porque o Brasil tambem pertenceu á Hespanha.

— Porque?

— Porque a Hespanha conquistou Portugal.

— E o que tinha o Brazil com isso?

— Pois não sabes que o Brasil foi *colonia* de Portugal?

— Porque?

— Porque Portugal foi que o descobriu e tratou de civilisal-o.

— Antes o que era?

— Uma terra habitada por selvagens — o que se chama vulgarmente *indios*, *caboclos*, *bugres*.

— E Portugal custou muito a civilisal-o?

— Naturalmente, porque não era tão facil, naquelle tempo, atravessar o mar, como é hoje, e os indios, mal perceberam que os extrangeiros lhes tomavam as terras e os queriam para escravos, trataram de defendel-as.

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 96.
(2) » » » » » » » 86.
(3) » » » » » » » 90.
(4) » » » » » » » »
(5) » » » » » » » »

— E que fim levaram os indios, que eu não vejo nenhum ?

— Vencidos pelos *brancos*, que lhes eram superiores em civilisação, recolheram-se. As mattas da nossa terra, Alvaro, ainda abrigam milhares d'esses nossos compatriotas, que nos consideram como inimigos.

— Mas nós não o somos ?

— Não, mas a verdade é que, sem o sermos, elles estão, por nós, privados do gozo livre do paiz, onde nasceram, e onde os seus antepassados viveram. Elles não nos podem querer bem. E bom seria que toda a sua queixa de nós fosse sómente essa !

— Então nós lhes fizemos outro mal ?

— Nós, não ; mas fizeram-no os primeiros portuguezes e brazileiros, escravisando-os e tratando-os como animaes do seu serviço.

— Com que direito, papai ?

— Com o direito do mais forte, que põe o viajante inerme á disposição do salteador armado. A historia da civilisação, Alvaro, tem d'estas cousas tristes.

— E ninguem nunca se compadeceu dos coitados ?

— Ah ! Houve muitas almas boas e muitos espiritos justos, que tomassem a sua defeza. O Marquez de Pombal, (1) ministro do rei D. José I, de quem te falei ainda agora, foi um d'esses.

— Deve ter sido um grande homem.

— Ha opiniões. D. Maria I demittiu o do cargo de ministro, processou-o, e desterrou-o ; seu pai, D. José I, deixou-o governar como quiz e Portugal foi, no seu tempo e pela sua politica, uma nação poderosa.

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 28.

— E como é que se explica uma cousa assim, Papai ?

— No governo dos paizes não é raro que, o que agrada a uns, dasagrade a outros, meu filho. O Marquez de Pombal tinha expulsado, do Brazil e de Portugal os jesuitas, que se oppunham ás suas reformas, e D. Maria I, senhora em quem a religião era já mania, não o poude supportar. Mas, sem me demorarar agora a explicar-te a historia de Portugal e a vida do Marquez, o que eu te quero aqui affirmar é que o Brazil lhe deve muito e muito, porque elle auxiliou o seu commercio, industria e navegação ; creou escolas ; deu aos brazileiros o direito de occuparem cargos publicos importantes, até ahi privilegio dos portuguezes, e fez da colonia um vice-reinado, passando a capital, da Bahia, para o Rio de Janeiro.

— Quando isso, papai ? No tempo do meu bisavô ?

— Qual, Alvaro ! Teu bisavô nasceu em 1754. Trinta e seis annos antes, meu filho ; no tempo de teu trisavô, o Dr. Alvaro de Souza Caminha, que veiu de Portugal exercer a medicina em Santos.

— E porque é que a Bahia é que era capital ?

— Porque foi a cidade fundada, para ser a capital da Colonia, pelo primeiro governador, que Portugal mandou para o Brazil.

— Quando ?

— Volta ao Vovô, meu filho. Tenho muito prazer em saciar-te a curiosidade, mas o tempo não pára e eu preciso dividir o que tenho pelas minhas occupações : a minha *presidencia* não póde ficar abandonada. A proposito : tens ali, na estante, a Historia do Brasil pelo Visconde de Porto Seguro. No 1º volume encontrarás uma estampa, que te dará idéa do primitivo local da cidade da Bahia, e muita cousa interessante, tambem, sobre os nossos indios. Entretem-te a folheal-o.

VI

— Já que o Sr. está disposto para a prosa, Dr. Amaral, dá-me licença que lhe pergunte uma cousa?

— Pois não, Alvaro.

— O Sr. sabe a historia do Brazil?

— E tu achas, Alvaro, que um bom brazileiro póde deixar de sabel-a?

— Ih, Dr. Amaral, quantos! Olhe: primo Arthur fez exame ha dias e foi approvado plenamente, mas não sabe nada, nada! Eu sei mais do que elle, só de conversar com Papai e com Vovô.

— Acredito, Alvaro, e é triste que as cousas assim se passem. Mas isto ha de remediar-se. A Republica está tratando de melhorar os serviços, e ha de chegar a vez de acabar com esta praga de preparatorios, em que meninos intelligentes, como teu irmão, são approvados sem saberem nada e matriculam-se em estudos superiores muitas vezes escrevendo e falando mal a sua propria lingua. Quanto a mim, porém, eu conheço a historia da minha Patria e estou á tua disposição.

—Quando foi que se fundou a cidade da Bahia!

— Em 1549, quando chegou de Portugal Thomé de Souza, primeiro governador geral nomeado (1).

— Quem o nomeou ?

— D. João III.

— Quem era D. João III ?

— Um rei de Portugal. (2)

— Que era de D. José I ? (3)

— Não te posso Alvaro, dizer se havia parentesco, e qual, entre elles. Mas D. José pertence á dynastia de Bragança, e D. João á de Aviz.

— E entre D. José I e D. João III não se fez nada no Brazil ?

— Não se fez nada, como ? Quanta cousa se passou, meu Deus!... Olha : no reinado de D. João V, (4) antecessor de D. José I, de 1707 a 1750, cresceu muito a população do Brazil e os Paulistas metteram-se pelo interior á procura de minas de ouro e fundaram muitos povoados em Goyaz e Matto-Grosso. No de D. Pedro II.... (5)

— D. Pedro II ?

— Sim, de Portugal, irmão de D. Affonso VI, (6) que enlouqueceu. D. Pedro II começou a governar em 1668 como regente, em lugar de seu irmão assim inutilisado; continuou em 1683 como rei, e morreu em 1706.

— Trinta e oito annos de governo, upa !

— Menos onze annos que o seu quinto neto e homonymo.

— Do que quem ?

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 10.
(2) » » » » » » » 86.
(3) » » » » » » » 76.
(4) » » » » » » » 96.
(5) » » » » » » » 94.
(6) » » » » » » » »

— D. Pedro II do Brazil.

— Ah, sim! Filho de D. Pedro I.... neto de D. João VI,... bisneto de D. Maria I... trisneto de D. José I.... tataraneto de D. João V.... e, é verdade, quinto neto, mesmo, de D. Pedro II. E governou bem?

— Pode-se dizer que sim e que o Brazil prosperou no seu reinado. No Maranhão, por causa dos indios, que uns queriam escravisar e outros protegiam, e por causa de uma companhia de commercio, que o governo creou e que abusava do povo, vendendo, muito caros ou estragados, generos que só ella podia vender, rebentou uma revolta.

— Para que, Dr. Amaral?

— Para abolir a companhia.

— E conseguiu?

— Conseguiu; mas chegando de Portugal, como governador, Gomes Freire de Andrade, Marquez de Bobadella, annullou tudo o que a revolta tinha feito, e mandou enforcar os cabeças.

— Pois, se o que a revolta conseguiu foi em beneficio do povo, esse homem era muito malvado. E quem foram os coitados, que este carrasco victimou?

— Jorge de Sampaio e Manoel Beckman ou Bequimão.

— Porque é que, quem se arrisca pelo bem, dos outros, soffre como estes e como o Tiradentes?

— Podes accrescentar: e o Zumbí.

— Que Zumbí?

— O chefe dos negros, que fugiram a seus senhores, e foram-se ajuntando, e fundaram, em Alagôas, um estado seu, conhecido pelo nome de *Republica dos Palmares*.

— Quando?

— Desde que começou a *guerra hollandeza*.

— Que guerra hollandeza ?

— A que os Hollandezes faziam no Brazil para se apoderarem d'elle.

— Então, além dos portuguezes e hespanhóes, tambem os hollandezes quizeram ser senhores do Brazil ?

— Os hespanhoes *foram* porque os portuguezes *eram*; e os hollandezes *quizeram ser*, porque os hespanhoes *estavam sendo*.

— Não entendo.

— Explicar-te-ei depois a charada : voltemos aos Palmares. Viveu a pequena Republica desde 1640 e poucos até 1697, anno em que os Paulistas, commandados por Domingos Jorge Velho, a destruiram. O Zumbi e os outros chefes atiraram-se em um precipicio, preferindo morrer a viver na escravidão.

— Eu tambem preferia, Dr. Amaral.

— Imagina, pois, Alvaro, qual não devia ter sido a alegria do milhão de escravos, que receberam o decreto da sua liberdade a 13 de Maio de 1888 (1) das mãos da Sra. D. Isabel, que regia (2) o Brazil na ausencia de seu pai, o Sr. D. Pedro de Alcantara ?

— A Republica na ponta, Dr. Amaral ! Mas se a monarchia fez males ao Brazil, se não permittiu que os Estados se adiantassem, só enriquecendo a Côrte , se matou Tiradentes, eu lhe perdôo tudo só por esse decreto.

— E estimarias a sua volta ?

— Nunca. Pois eu que estimo tanto que os escravos ficassem livres, posso querer ser escravo de uma familia,

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 89.
(2) » » » » » » » 74.

que tenha o privilegio de governar só porque os seus filhos nascem principes ?

— Bravissimo, Alvaro ! Quem fez o 13 de Maio devia saber que o 15 de Novembro estava feito. Nem a Sra. D. Isabel, nem o Sr. D. Pedro II, deviam surprehender-se com a proclamação da Republica : a gratidão pela liberdade, dada aos negros, não podia exigir dos cidadãos a renuncia á sua propria liberdade. E tu sabes que sorte tiveram os homens que se quizeram oppôr á liberdade dos cidadãos !

— E' pena que alguns ainda tenham má vontade á Republica e esperança de se vingar.

— O melhor meio de vencer esses é esquecel-os, meu caro.

— Tambem acho. Mas, pelo que diz o Sr., o reinado de D. Pedro II de Portugal foi mais agitado no Brazil que o de D . João V ?

— O de D. João V (1) tambem teve suas perturbações e fez uma victima como o Tiradentes.

— Outro martyr da liberdade, então ?

— Sim, Philippe dos Santos, dilacerado por quatro cavallos bravios, a que o amarraram, segundo diz a tradição ; ou enforcado e esquartejado, segundo declarou ao Governo o Conde de Assumar, que o accusava, a elle e aos seus companheiros em uma revolta, que alli rebentou em 1720, de quererem crear um governo republicano, o que não ficou de modo nenhum provado.

— Em todo caso, a Patria ainda está devendo a este alguma cousa que lembre o sacrificio pela liberdade de seus filhos. Deve pagar-lh'o, não acha ? O Sr. falou de perturbações ; quaes foram ?

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 96.

— A inimizade entre Paulistas e Portuguezes, que exploravam as minas de ouro, deu causa a uma luta entre elles, chamada a *guerra dos emboabas*, appellido dos portuguezes, sendo os primeiros vencedores numa batalha travada junto ao Rio das Mortes, que, d'esse facto, tirou o nome. Mas os Portuguezes, sentidos, e desejosos de vingança, fingiram-se reconciliados e, surprehendendo os Paulistas, os derrotaram e obrigaram a fugir.

— Os Paulistas fugiram, Dr.?

— Sim, fugiram com o terror da surpresa traiçoeira; mas suas mães, suas esposas, suas irmãs, não os quizeram receber em casa emquanto se não lavassem d'aquella vergonha.

— Ah, Paulistas decididas! Bravo ás Paulistas, bravo!

— Voltaram, pois, os filhos, os maridos e os irmãos, resolvidos a vencer os emboabas, ou a morrer, quando D. João V separou São Paulo e Minas do Rio de Janeiro, e deu-lhes um governador, a quem o chefe dos emboabas se sujeitou, deixando-se de proceder contra os que tinham tomado parte nas desordens, isto é, concedendo-se amnistia aos Paulistas e Portuguezes implicados na luta. Em Pernambuco, tambem, entre Portuguezes e Brazileiros, estabelecidos aquelles no Recife e estes em Olinda, houve uma guerra que se chamou *dos Mascates*.

— Porque?

— Porque era assim que os Brazileiros ou *pé rapados* tratavam os Portuguezes, os quaes, sobretudo, se occupavam geralmente com o commercio — *mascateavam*. Os Paulistas não os tratavam de *emboabas*, isto é, homens de longe, palavra formada de vocabulos indigenas, para indicar que não eram nascidos no Brazil, sim extrangeiros? Mas, em Pernambuco a má vontade entre uns e

outros vinha da preferencia dada aos Portuguezes para os cargos e a sua consequente arrogancia, que doía aos naturaes do paiz.

— Mas era mesmo mal feito terem os Portuguezes essa preferencia.

— Tanto o acho que eu já te disse que, entre os serviços que o Brazil deve ao Marquez de Pombal, figura o de ter acabado com ella. Mas, dada a luta em Pernambuco, pareceu a D. João V que o melhor meio de pôr-lhe termo seria fazer do Recife uma villa...

— Porque?

— Porque, sendo villa, teria o seu governo separado do de Olinda e não haveria occasião para os moradores e autoridades de cada uma das povoações se chocarem. Resolveu, portanto, o rei que se procedesse á separação. Os encarregados d'essa separação, entretanto, discordaram: Sebastião de Castro Caldas, governador de Olinda, protegia os do Recife, e o juiz Dr. Luiz de Valenzuela Ortiz, protegia os de Olinda. Aconteceu que, não se sabe quem, disparou um tiro sobre o governador. O governador declarou a cidade em sitio e mandou logo prender os membros da Camara de Olinda, e o juiz, que fugiu. A' vista d'isto, o capitão-mór Pedro Ribeiro, á frente da tropa e do povo, obrigou o governador a retirar-se, e entregou o governo ao bispo, que concedeu amnistia aos sublevados. Isto foi em Novembro de 1710. Em Julho de 1711, porém, o capitão João da Motta prendeu o bispo, que se achava no Recife e o obrigou a prometter installar a villa, e a dar-lhe, e aos seus, amnistia. Não sendo essa promessa cumprida pelo bispo, depois que este voltou a Olinda começou de novo a guerra: o Recife foi sitiado e já tinha havido varios combates, quando chegou o governador Felix José

Machado de Mendonça, novamente nomeado. Confirmando as amnistias dadas pelo bispo, perseguiu, entretanto, o governador os Brazileiros e teria dado lugar a que se accendesse mais forte a luta se não fosse a ordem regia de 7 de Abril de 1711, em virtude da qual se installou a villa do Recife.

— Que feias que são estas lutas, não, Dr. ?

— Sim, Alvaro, mas dão se, de ordinario, entre os colonos e os colonisadores. Olha os Americanos e os Inglezes. Vê agora Cuba e a Hespanha. Uma colonia, que se adianta, é como um filho, que cresce : quer *independencia*, quer viver sobre si.

— E consegue a sempre ?

— A historia assim o diz, apezar do caso triste da Polonia, que, entretanto, para ser vencida, foi retalhada.

— Retalhada?

— Sim, como o Brazil esteve a pique de o ser no reinado mesmo de D. João V.

— Como ?

— Portugal, estando unido á Inglaterra contra a França, que queria que fosse rei de Hespanha um neto de Luiz XIV de França, porque o rei Carlos II de Hespanha o nomeára seu herdeiro, os Hespanhóes da America, por odio aos Portuguezes, apoderaram-se da Colonia do Sacramento, que D. Pedro II tinha mandado fundar á margem do Rio da Prata. Essa colonia andou de Hespanha para Portugal varias vezes, depois que soffreu o primeiro ataque, até que, em 1750, ficou assentado que pertenceria á Hespanha, ficando Portugal com os Sete Povos das Missões.

— As Missões, que o Presidente dos Estados Unidos decidiu ultimamente que nos pertenciam com os limites, que nós queriamos ?

— Sim, e decisão que não custou uma gotta de sangue nem a nós, nem aos Argentinos. Não era melhor que os povos sempre resolvessem as suas questões d'essa maneira? O arbitramento não é preferivel á guerra?

— Si é! Mas isso que o Sr. contou é que era retalhar o Brazil?

— Não, mais alguma cousa. Como a França, por seu lado, tambem queria causar a Portugal quanto prejuizo podesse, um official de sua marinha, Carlos Duclerc, projectou apoderar-se do Rio de Janeiro, onde desembarcou a 11 de Setembro de 1710, mas onde o bateram e prenderam, sendo elle assassinado na prisão. Com o pretexto de vingar a sua morte, outro official, o almirante Duguay-Trouin, (1) partiu da França em 1711 com dezoito navios; entrou a 12 de Setembro no Rio de Janeiro; desembarcou a 13 na ilha das Cobras; a 14 poz em terra 3.800 homens; apoderou-se a 21 da cidade, que bombardeára e que os habitantes abandonaram; saqueou a, e, a 13 de Novembro, retirou-se, levando seiscentos e dez mil cruzados, cem caixas de assucar, duzentos bois e todas as riquezas roubadas nas casas e igrejas.

— E não houve quem defendesse a cidade?

— O governador Francisco de Castro Moraes era um homem incapaz, ou um covarde: aterrou-se, fugiu e obrigou-se a pagar o que pagou, quando, se se demorasse mais alguns dias, teria recebido, de Minas, reforços, que lhe permittiriam expulsar o inimigo.

— E nada soffreu?

— Foi, com outros, condemnado a degredo perpetuo em uma das fortalezas da India.

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 26.

— E o Sr. disse que o reinado de D. João V foi bom !

— E foi mesmo, porque, como vês, isto tudo, que poderia ter gravissimas consequencias, não as teve ; a colonia viu-se augmentada e enriquecida pelas explorações e o rei melhorou muito a administração.

— O que é isso ?

— O modo de a governar.

— E, antes delle e de D. Pedro, os reis não se esforçaram por que ella fosse boa ?

— Cada um como lhe foi possivel, mas pouco alcançou.

— Mas conte-me esse pouco mesmo, que cada um fez.

— Não posso. Teu mestre de desenho, que entrou agora mesmo, está a tua espera.

— E depois da lição ?

— Não estarei em casa senão ás seis horas. Porque não ha de ser outro dia ?

— Seja. Então — obrigado, e até lá.

VII

— Sabes, Vovô, que já estou muito longe do Ypiranga?

— Sim?

— Sim. Estou no Palacio de Cintra, em Portugal, e em 1667.

— E como podeste fazer tão grande travessia?

— Graças ao Papai e ao Dr. Amaral.

— Com tão bom auxilio, já me não pasma. E que te pareceu esse Castello de Cintra?

— Maravilhoso, e Cintra um paraiso. Lá me mostraram, num quarto, o pavimento desbastado como pelo attrito de passos continuos. Dizem que o infeliz D. Affonso VI o gastou á força de passear de um lado para outro nessa prisão, em que o metteram.

— E' verdade. E nós, brazileiros, não podemos senão ser-lhe gratos, porque, no seu governo, bem certo, attendeu ás queixas, que havia contra a Companhia do Commercio e converteu-a numa Junta, que procurou melhorar.

— Que Companhia de Commercio era essa?

— A Companhia Geral do Commercio, creada por D. João IV, seu pai, em 1649; companhia que devia prestar grandes serviços, mas que gosava de extraordinarios privilegios, tendo o monopolio dos generos de primeira necessidade.

— Que é monopolio?

— Só ella podia trazer para o Brazil, e levar do Brazil, os generos importados e exportados. Entre outras obrigações, tinha, porém, a de mandar duas frotas annualmente para auxiliar a expulsão dos Hollandezes. Ora, quem tem um monopolio quasi sempre abusa d'elle para enriquecer depressa: foi o que se deu com esta Companhia e foi o que deu causa á sua suppressão.

— Ah, sim!... A revolta de Bequimão, coitado! O Dr. Amaral já me fallou nella. Mas tu disseste agora que a Companhia tinha tambem a obrigação de auxiliar a expulsão dos Hollandezes. Que Hollandezes?

— Os que se haviam apoderado de uma parte do Brazil.

— Quando?

— De 1624 a 1654.

— No reinado de D. João IV? (1)

— Antes e durante elle.

— E porque foi que elle consentiu?

— Porque o não poude impedir, meu caro. Portugal, em 1581, tinha sido conquistado pela Hespanha. O Brazil, que era sua colonia, passou a pertencer a esta e foi governado por Philippe II, III e IV. Hollanda e Hespanha eram inimigas. Sendo mais difficil á Hespanha defender as colonias do que o seu proprio territorio, os Hollan-

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 92.

dezes escolheram entre aquellas, o Brazil para ponto de ataque.

— E foram bem succedidos ?

— A expedição de 1624 apoderou-se da Bahia a 10 de Maio (1) occupando a até 1 do mesmo mez no anno seguinte, data em que se retiraram os Hollandezes, tendo capitulado diante do cerco posto pelas forças de terra e mar.

— E atreveram-se a nova tentativa, depois d'essa lição ?

— Atacaram, em Março do anno seguinte, o Espirito Santo, onde não tiveram melhor sorte. Em 1627 e 1628 ainda o almirante Pieter Heyn entrou na Bahia e apresou varios navios mercantes. Porém, a sua grande expedição, a que alcançou firmar o seu dominio em terras brazileiras, foi a de 1630.

— E firmou-o mesmo ?

—Durante 24 annos,como te disse ha pouco.O ponto escolhido foi Pernambuco. A 14 de Fevereiro appareceu diante do Recife uma esquadra de mais de setenta navios (2), rompendo fogo no dia seguinte contra a cidade, que só se rendeu a 1 de Março. No dia 16 tomaram tambem Olinda. Mathias de Albuquerque, que era, nessa época, o governador, vendo que não poderia travar batalha com os invasores, que sobrepujavam muito em numero os seus,formou um campo militar—a que chamaram o Arraial do Bom Jesus—,entre as duas povoações—e principiou a hostilisal-os com guerrilhas, feitas por *companhias de emboscada*, capitaneadas pelo indio Poty, mais conhecido por Camarão. Essas companhias causaram aos Hollandezes muitas perdas.

---

(1) *Galeria de historia brazileira*. ed. Garnier, pag. 16.

(2) » . » » » » » » 18.

— Bem feito. Quem lhes mandou virem conquistar a terra dos outros ?

— No anno seguinte, 1631, uma esquadra mandada da Hespanha e outra da Hollanda travaram batalha, que não deu victoria a nenhuma das partes. A esquadra hespanhola, entretanto, desembarcou, em Pernambuco, setecentos homens, commandados pelo Conde de Bagnuolo, e os Hollandezes, pensando que eram muitos mais, incendiaram Olinda e juntaram todas as suas forças no Recife. Atacando, então, a Parahyba e o Rio Grande do Norte até ao Cabo de Santo Agostinho....

— Sei. Ali está elle no mappa.

— Foram repellidos. Passando, porém, para o lado delles o Brazileiro Domingos Fernandes Calabar, que conhecia palmo a palmo o terreno, atacaram e apoderaram-se, de 1632 a 1634, de varios pontos, que desejaram. (1)

— Esse Calabar foi um traidor.

— Não sei, Alvaro. Essa palavra é dura, e quem sabe quaes foram as intenções, que inspiraram aquelle nosso compatriota? Eu não sei se nós mais teriamos a ganhar com o dominio hollandez do que com o portuguez, e não posso pois accusar de perfidia a Calabar. Ha muita gente que pensa que teria sido uma felicidade para o Brazil ter sido conquistado pelos Hollandezes. Chamarás a esses, traidores?

— Mas Calabar pensava assim?

— Se pensava e andava errado, é antes um inepto do que um traidor. Que lucro ha em envilecer a sua memoria?

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 20.

— E a Hespanha, porque não mandava mais recursos em favor da colonia?

— Porque estava abarbada com guerras na Europa e não podia d'ahi desviar forças. Vendo isso, Mathias de Albuquerque resolveu retirar-se para as Alagoas com todos os Brazileiros, que se não queriam sujeitar aos Hollandezes.

— Ahi está uma cousa bem feita, não é?

— No caminho, sahiu ao encontro dos retirantes, perto de Porto-Calvo, Calabar com forças hollandezes, mas foi destroçado, preso e enforcado. Chegando ás Alagôas, foi Mathias de Albuquerque substituido por D. Luiz de Rojas e Borja, que trouxera da Hespanha mil e setecentos homens. Essas forças foram completamente batidas em Janeiro de 1836 e, seu chefe, morto. Tomou, então, o Commando, o Conde de Bagnuolo e outra vez se valeu das guerrilhas, em que muito se distinguiram Camarão e o negro Henrique Dias.

— Os indios e os negros ajudando os brancos, que lhes fizeram tanto mal!

— E é d'essas tres raças, cada uma com as suas virtudes peculiares, que se tem formado o povo brazileiro. Mas, em 1637, chegou ao Recife João Mauricio de Nassau, (1) nomeado governador do Brazil hollandez, que entrou logo em actividade. Batendo o Conde de Bagnuolo, levou a conquista até ao Rio de S. Francisco, em cuja foz construiu um forte, que se denominou Mauricio, e d'onde voltou ao Recife para cuidar de organisar a colonia. Homem de muito talento e idéas adiantadas, procurou tornar o dominio hollandez mais supportavel aos Brazileiros, e fez prosperar extraordinariamente o paiz.

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 22.

— Quasi, então, que a gente tem vontade de applaudir o Calabar.

— Ah, já vês que foste facil, ainda ha pouco, em castigal-o com a qualificação de traidor.

— E a Hespanha, vendo acontecer tudo isso, ainda continuava sem fazer nada?

— Quasi nada. Em 1639, porém, enviou uma esquadra sob o mando do Conde da Torre. Este, juntando reforços na Bahia, sahiu á procura da esquadra hollandeza, e, encontrando a defronte da Parahyba a 12 de Janeiro de 1640, empenhou combate com ella durante tres dias e foi derrotado.

— Além de demorados, caipóras, Vovô!

— Veiu substituir ao Conde da Torre, o Marquez de Montalvão, com o titulo de *vice-rei e capitão general de mar e terra, empreza e restauração do Brazil*...

— Se trazia auxilio tão grande como o titulo, aposto que os hollandezes embarcaram apressados.

— Estás para gracejos!... Mas, voltando ao serio, verás que, infelizmente, ainda esse embarque se demorou muito. E' o caso que, no anno em que o Marquez chegou, Portugal se revoltou contra a Hespanha, d'ella se separou e acclamou rei D. João IV, que foi o chefe de dynastia de Bragança.

— Sim, sim... Lembra-me ter lido que foi nessa occasião que alguns paulistas quizeram acclamar um rei em S. Paulo, e que o rei fugiu d'elles e foi se asylar num convento.

— Justamente. E o acclamado, o homem que fugiu á corôa, foi Amador Bueno de Ribeiro.

Isso, entretanto, pensam alguns, foi promovido pelos Hespanhóes que, vendo o Brazil escapar á Hespanha, estimariam ver tambem perdel-o Portugal.

— Mas Portugal separando-se da Hespanha, então os Hollandezes deveriam abandonar o Brazil...

— Porque, meu caro, porque ?

— Pois elles não tinham invadido para prejudicar a Hespanha ?

— Sim, mas os conquistadores não se regulam pela logica das crianças, meu Alvaro; e, se Portugal se via com a Hespanha ali á sua ilharga, o que é que poderia exigir da Hollanda ? D. João IV fez, é verdade, a sua reclamação ; porém, não sendo attendido, alliou-se com a Hollanda contra a Hespanha, e combinou novo armisticio de dez annos nas colonias.

— O que vem a ser *armisticio* ?

— E' a suspensão da guerra. Durante dez annos, os hollandezes e os portuguezes não poderiam guerrear no Brazil.

— Quer dizer que os Hollandezes teriam tempo de arranjar muito bem a sua colonia no Brazil, não é ? E os brazileiros sujeitaram-se a isso ?

— Nem os Brazileiros, nem os Hollandezes.

— E' curioso ! Os Hollandezes eram, então, difficeis de contentar.

— Os Hollandezes não se sujeitaram ao armisticio, porque não sendo o tratado, que o estabeleceu, assignado logo, aproveitaram-se elles da demora e conquistaram mais Sergipe e o Maranhão. Os Brazileiros, porque o novo governador Antonio Telles da Silva, recommendando sempre que se respeitasse o armisticio, occultamente favorecia a revolta contra os Hollandezes.

— Vê-se bem que uns e outros sabiam fazer jogo.

— O resultado da partida dependia d'isso, meu caro. O caso é que, em 1614 foram os Hollandezes expulsos do Maranhão ; João Mauricio de Nassau demittiu-se por

estar em desaccôrdo com os seus patricios quanto ao modo de governar; e André Vidal de Negreiros foi de Pernambuco á Bahia preparando uma conspiração, em que figuraram João Fernandes Vieira, Antonio Dias Cardoso, Antonio Cavalcanti, Henrique Dias e Philippe Camarão. A revolta deveria, segundo o accordo, rebentar a 24 de Junho de 1645, mas dois portuguezes e cinco judeus deram denuncia d'ella, e os conjurados, julgando que não deviam perder tempo, levantaram o grito de guerra a 13 de Junho.

— Porque é que não ha conspiração sem traidores Vovô.

— Quasi que não é sem razão o teu reparo. Declarada, porém, a revolta, as forças hollandezas sómente a 3 de Agosto se encontraram com as dos Independentes, que assim ficaram chamadas as que contra ellas operaram. Foi no Monte das Tabocas o encontro. Ahi, mal armados e mal disciplinados, mil homens bateram, na defesa de sua terra, oitocentos de tropas regulares, obrigando-os á retirada. Logo depois tomaram a *Casa Forte*, engenho conhecido por esse nome, o cabo de Santo Agostinho, Porto Calvo e Olinda. Repellidos de Itamaracá pelos Hollandezes, fundaram um novo campo militar do Bom Jesus, e ahi, em Outubro, acclamaram como governador a João Fernandes Vieira.

— E a gente da Hollanda era como a de Hespanha, que não acudia aos seus?

— Não; em 1646 veiu da Hollanda, com grandes reforços, Segismundo van Sckhoppe; atacou duas vezes Olinda, que o repelliu, e conduziu a Itaparica uma frota de 40 navios, desembarcando e mandando d'ahi depredar a Bahia. Tendo vencido Francisco Rebello, que viera

atacal-o, abandonou a ilha sem demora para acudir a um chamado do Recife.

— E Portugal e a Hollanda não viam desrespeitar o armisticio, Vovô ?

— Viam. A Hollanda reclamava e Portugal fingia attender. E' claro, entretanto, que a Hollanda tanto mais reclamaria quanto mais derrotas soffressem os seus. E a verdade é que tanto reclamou que Portugal se viu obrigado a ordenar a Antonio Telles que desarmasse os Independentes.

— Faço idéa com que dôr de coração esses patriotas depuzeram as suas armas, Vovô !

— Depuzeram ! ? Qual o que, meu filho : declararam que *«desobedeciam ao rei e que iriam receber o castigo depois que expulsassem das suas terras os extrangeiros invasores»*.

— Ora ahi está uma resposta bonita !

— E o que dirás tu do acto de Vidal de Negreiros, que, não consentindo que incendiassem os cannaviaes, que Telles da Silva tinha mandado queimar para prejuizo dos Hollandezes, incendiou os da fazenda de seu pai para não pensarem que elle se oppunha porque a medida lhe trazia prejuizos ?

— Sei, sei ! Ha um quadro na Academia de Bellas Artes, no Rio de Janeiro, representando essa scena. Isso é para compensar a traição dos outros, não é, Vovô ?

— Mas ouve o resto da gloriosa campanha dos Independentes. D. João IV procurava contentar a Hollanda, dando lhe aquella satisfação ; mas, sem embargo d'isso, mandava aos Pernambucanos um chefe. Esse, o Mestre de Campo Francisco Barreto de Menezes, cahindo nas mãos dos Hollandezes quando se approximava do desembarque, conseguiu fugir-lhes e chegar ao novo arraial do Bom Jesus em Janeiro de 1648. A 19 de Abril, Hollan-

dezes e Independentes encontraram-se a tres leguas do Recife entre os montes Guararapes e as aguas das Corcoranas. Ahi, mais uma vez, a victoria coube aos Independentes, que, todavia, nesse mesmo anno soffreram o revez da perda do valente Camarão, morto de febre no acampamento, e substituido por seu sobrinho D. Diogo Pinheiro Camarão.

— Dom Diogo ? Então essa familia de Indios tinha titulo de fidalguia ?

— Sim, em recompensa dos seus serviços, havia Camarão recebido do governo portuguez os fóros de fidalgo.

— A victoria dos Guararapes havia de animar muito os Independentes.

— E desanimar os Hollandezes. Apertados, com effeito, no Recife, esforçavam-se estes por travar uma batalha,e, a 19 de Fevereiro de 1649, nos mesmos montes Guararapes, empenharam se em novo combate. Era claro que o fim do dominio hollandez se approximava: a sorte, outra vez, lhes foi desfavoravel. A creação de uma companhia de Commercio, aquella que, como te has de lembrar, D. Affonso VI se viu na necessidade de supprimir, e a declaração de guerra feita pela Inglaterra á Hollanda, ainda mais vieram apressar a sua extincção.

— E já era bem tempo, Vovô. Que paciencia e que heroismo o dos Independentes !

— Em 1650 a primeira esquadra da Companhia do Commercio desembarcou reforços para os Independentes; outras se lhe seguiram, e, finalmente, em 1653, veiu uma de sessenta navios ao mando do Visconde da Fonte-Arcada, que fechou o sitio do Recife por mar.

— Agora, Hollandezes ! Agora vamos vêr por onde vocês escapam.

— Os fortes, que defendiam a cidade, sitiados completamente, foram-se rendendo um atraz do outro, até sómente restar ao inimigo o dos Cinco-Pontas. Este mesmo, assaltado por André Vidal de Negreiros, capitulou, e, a 26 de Janeiro de 1654, assignou-se na Campina de Taborda, diante desse baluarte, um accôrdo pelo qual os Hollandezes abandonavam o Brazil.

— Vivam os Independentes, Vovô! Ch... ch... pum !... pum !. . Ch... ch... pum ! Taratchim, taratchim taratchim tchim... taratchim taratchim taratchim tchim!

— A 27, João Fernandes Vieira e os outros chefes tomaram posse do Recife, e a 28 ahi entrou o Mestre de Campo Francisco Barreto de Menezes. O accôrdo da Campina de Taborda foi, depois, em 1661, approvado por D. Affonso VI, recebendo os Hollandezes, como indemnização do que entregaram, cinco milhões de cruzados e todas as peças, que tivessem as armas da da Hollanda.

— Mas isso, Vovô, não devia ser. Quem é que tinha culpa de que elles tivessem vindo para uma terra, que não era sua, e de que fossem derrotados? Foi como depois da Independencia; puzemos fóra os Portuguezes por uma guerra, em que elles não nos poderam vencer, e ainda por cima tivemos de pagar-lhes dois milhões de libras! Assim quasi que vale mais a pena ser derrotado!

— Realmente, Alvaro, a quem vence é duro pagar despezas de que não é culpado; antes lhe assiste o direito de ser indemnisado por aquelles, a que o obrigaram. Mas eu vou te contando a historia *como ella foi*. Diverte-te agora, examinando isto. Aqui tens a batalha dos Guararapes, pintada por Victor Meirelles (1). E na

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 24.

historia de Porto Seguro, acharás uma estampa, que te dará idéa do Recife no tempo hollandez.

— Obrigado, Vovô ; examinarei com attenção esses quadros. Parece me que hei de vêr povoados esses lugares pelo vulto dos heróes, que não descançaram, emquanto o extrangeiro pisou, como Senhor, a nossa Patria nascente !

— E toma lá um abraço pelo fecho, que só o sentimento de nacionalidade, que a historia da patria accorda, póde inspirar na tua idade !.. Upa !... Bem apertado.

VIII

— E', realmente, admiravel o panorama que se avista d'aqui do alto, Dr. Alencar !

— E olha como o Pão de Assucar se afigura pequenino !

— Com que clareza distingo a Praia Vermelha, Santa Cruz, São João, Nyteróe e mais longe, Villaganhão...

— Villegaignon, Alvaro ; o nome é francez.

— Francez ? E d'onde lhe vem esse nome francez, Dr. ?

— Do francez, que construiu aquelle forte : Nicolau Durand de Villegaignon. Vês ali a Lage ?

— Vejo, sim, senhor.

— Pois ali foi que elle desembarcou primeiro ; depois passou se para aquella ilha, que os indios chamavam *Serigipe*.

— E o que veiu elle cá fazer ?... Dar-se-á que os Francezes já tivessem atacado o Brazil antes de Duclerç e Duguay Trouin ?

— Ah, meu caro, uma joia como esta, quem não a cobiça? Um ceu tão lindamente colorido; uma vegetação, que metteria zelos a Flora; fructos, que ensoberbecem Pomona; flôres de olencia sem rival; a riqueza por toda a parte, por toda a parte o bem estar, o conforto e uma belleza do Paraiso! Que paiz ha assim na Terra? Que região, do pincaro de um monte humilde como este Corcovado, descortina ao olhar embevecido um trecho de formosura semelhante ao que desfructamos?

— Mas os Francezes quizeram mesmo apoderar-se do Brazil antes de Duclerc e Duguay-Trouin.

— Se quizeram? Guaxenduba que t'o diga.

— Guaxenduba?

— Sim. Era em 1594. Jacques Riffault e Carlos des Vaux eram dois armadores de Dieppe, em França. Aprestando alguns navios, vieram chegar a ilha do Maranhão. Ahi, com auxilio dos indios, se estabeleceram. Voltando ao seu paiz, Carlos des Vaux organisou, para explorar o novo estabelecimento, uma companhia, que equipou tres navios e trouxe a primeira leva de gente. Em 1612, isto é, 18 annos depois, Daniel de La Ravardière, dirigindo a expedição, aportou áquella ilha tambem, e resolveu ahi fundar uma povoação sob o nome de São Luiz, em honra de Luiz XIII, rei de França, na época.

— E quem, nesse tempo governava Portugal?

— Pois não te lembras, Alvaro, quem o governou de 1581 a 1640?

— Sim, os Philippes de Hespanha. E não fez a Hespanha nada para expulsar os francezes?

— Jeronymo de Albuquerque, incumbido pelo Governador do Norte do Brazil.....

— Do Norte do Brazil?

— Sim, porque em 1573 o rei D. Sebastião o havia dividido em dois: o Norte e o Sul.

— Para que ?

— Para governal o melhor, porque era muito grande.

— E qual era o do Sul ?

— O que tinha por capital a cidade, que se estende diante de teus olhos, fundada em 1567. (1)

— A Bahia era, então, a capital do Norte, não ?

— Exactamente. Mas Jeronymo de Albuquerque, encarregado pelo governador do Norte do Brazil, Gaspar de Souza, de fundar uma capitania....

— O que é capitania ?

— E' a divisão de terra, que é governada por um capitão—Jeronymo de Albuquerque, incumbido de fundar uma capitania além do Ceará, reconheceu as forças dos Francezes e, em 1614, saltou com quinhentos homens no lugar chamado Guaxenduba.

— Cá está o enigma.

— Ahi se fortificou como lhe foi possivel, e, atacado em Novembro, derrotou os extrangeiros e obrigou-os a um armisticio de um anno.

— Que coragem e que força tem a gente, que defende a sua terra, Dr. Alencar !

— E' verdade, Alvaro. O Marquez de Pombal dizia a um embaixador inglez que um homem na sua casa é tão forte que, mesmo depois de morto, são precisos quatro para o arrancarem d'ella. Mas continuemos. Chegando novos reforços a Albuquerque, logo depois dos factos, que te contei, exigiu elle dos Francezes a entrega do forte de Itapary ou São José, que recebeu ; e, no anno seguinte, apresentando-se o governador geral da Armada, Ale-

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 14.

xandre de Moura, despejou da ilha os invasores e tomou conta do forte de São Luiz, cujo nome mudou para São Philippe (vês logo porque), passando á povoação, que é hoje a capital do Estado do Maranhão, o nome do forte.

— E nenhuns outros extrangeiros se lembraram tambem de imitar os Francezes?

— Os Hollandezes.

— Ah, d'esses eu sei! Em Pernambuco.

— Não; na bocca do Amazonas.

— Antes ou depois?

— Em 1616, mais ou menos.

— Atrevidos! E quem os poz fóra?

— O capitão-mór Francisco Caldeira Castello Branco, a quem o capitão-general da Armada, Alexandre de Moura mandou estabelecer a Capitania do Pará, e que fundou a cidade de Belém, capital do Estado d'aquelle nome.

— Então a Capitania do Pará foi fundada durante o governo dos Philippes?

— Sim; e Philippe III, em 1621, creou com ella um estado, unindo-o ao Maranhão e Ceará, e dando-lhe um governador seu.

— Então ficou havendo tres governadores no Brazil?

— Dois: o do Estado do Maranhão, ao Norte e o do Estado do Brazil, ao Sul, desde o Rio Grande do Norte até Santa Catharina.

— O Senhor não disse ainda agora que D. Sebastião dividiu o Brazil em 1573 em dois governos?

— Sim, mas em 1578 reuniu-os.

— Porque?

— Porque lhe pareceu que a divisão anterior não tinha dado bom resultado.

— Quanta mudança!

— E não passou o Brazil só por essas. Em 1608 tornou o governo a dividir-se e em 1616 a unir-se.

— E em qual d'esses governos foi que o Sr. Villegaignon se estabeleceu naquella ilha?

— Em nenhum.

— Como em nenhum?! Esta agora é de se lhe tirar o chapeu!

— Sim: em nenhum d'aquelles de que falámos, porque foi no governo de Duarte da Costa, 2º governador geral do Brazil.

— Qual foi o primeiro?

— Thomé de Souza.

— E os outros?

— Mem de Sá, o terceiro, nomeado por D. Catharina d'Austria, que regia por ser menor seu filho D. Sebastião, o qual mais tarde morreu na Africa, deixando o throno a D. Antonio, prior do Crato, que foi substituido por Philippe de Hespanha. Dividiu-se, então, o governo: ao Sul, o Dr. Antonio Salema, e o Conselheiro Luiz de Brito e Almeida ao Norte; unio-se e vieram Diogo Lourenço de Almeida, em cujo governo o Brazil passou á Hespanha; Manoel Telles Barreto, primeiro governador nomeado pela Hespanha; D. Francisco de Souza, Diogo Botelho e D. Diogo de Menezes. Tornou-se a dividir: ao Norte, D. Diogo de Menezes, substituido por Gaspar de Souza; e, ao Sul, D. Francisco de Souza, substituido por seu filho D. Luiz de Souza, que, em 1616, reuniu os dois governos novamente.

— Que trapalhada, Dr. Alencar!

— Tu é que a quizeste. Listas de nomes são sempre aborrecidas e embaraçantes. Entendendo os factos, que se deram em cada governo, os nomes os acompanham e ficam sabidos quando os factos são relevantes e os ser-

viços prestados tambem. Saber historia não é saber todas as minudencias, que occorrem na vida de um povo.

— Então o Sr. não continue com a lista dos Governadores, e conte os factos, que eu vou prestando muita attenção.

— Queres, então, que te conte a historia de Villegaignon?

— Sim, senhor.

— Governava o Brazil, Duarte da Costa. Era o segundo governador geral nomeado. Tinha vindo em 1554 succeder a Thomé de Souza, que fundou a cidade de S. Salvador da Bahia em 1549 (1), com o auxilio de um teu conhecido : o Caramurú.

— Diogo Alvares Corrêa, casado com a Paraguassú, sei.

— Governava, pois, o Brazil, Duarte da Costa, quando, em 1555, entrou na Bahia do Rio de Janeiro, Villegaignon, vice-almirante, que fugia das perseguições religiosas na Europa.

— Perseguições religiosos?

— Sim, lutas sanguinolentas entre catholicos e protestantes, que duraram muitos annos: a uma della se chama : « *a guerra dos trinta annos* ». Tu pensas, então, que a liberdade de sermos protestantes, catholicos, mahometanos, judeus, positivistas, atheus, existiu sempre?

— Pois não existiu, Dr. Alencar? Quem é que tem direito de governar a cabeça e o coração dos outros?

— Saberás, lendo a historia, Alvaro, quanto custou a ganhal-a. Mesmo na nossa Patria, em 1573, foi, na Bahia, queimado um hereje, um francez de grande talento, mas que a *Santa Inquisição* entendeu que tinha

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 10.

opiniões erradas, e a quem os Jesuitas *ajudaram* até que désse sua alma a Deus. Imagina que bem que aprenderam a *ajudar*, se assim é que *ajudavam*, os Jesuitas, discipulos de Jesus, que não matou os peccadores, mas por elles morreu.

— E que repôz a orelha de Malcho, dizendo a quem lh'a tinha cortado « *Quem com ferro fere, com ferro será ferido.* »

— Mas, como ia dizendo : Villegaignon, fugindo ás perseguições religiosas, projectava fundar, no Brazil, uma colonia,onde se refugiassem os seus correligionarios. Desembarcando primeiro ali, como já te disse, passou se definitivamente para aquella ilha, a que deu o nome de Coligny, celebre almirante francez, tambem protestante, e conseguiu a amisade dos selvagens, que lhe foram de grande utilidade. Em 1557 chegou um seu sobrinho, Bois-le-Comte,com trezentos homens. Assim a colonia se desenvolveu bem, e inquietava o governador, que, entretanto, não tinha recursos para expulsar os invasores.

— E porque é que Portugal não mandava ?

— Eram os ultimos annos do reinado de D. João III, (1) que morreu, deixando seu filho D. Sebastião (2) na idade de tres annos, e, como regente, sua mãi D. Catharina d'Austria. Este fim e começo de governo é que difficultou as providencias. Em 1558, porém, foi nomeado 3º governador Mem de Sá. Chegando ao Brazil e informando-se de tudo, tudo foi dispondo, e, em 1564, recebeu recursos, que vieram trazidos por seu sobrinho Estacio de Sá. Estacio de Sá estabeleceu-se e fortificou-se junto ao Pão de Assucar logo em 1565, e deu á povoação o

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 86.
(2) » » » » » » » 88.

nome de São Sebastião, em honra do rei de Portugal. E' de vêr que os francezes e os indios, seus amigos, não viam com bons olhos este estabelecimento de portuguezes, e, portanto, o atacaram sempre que puderam. Os portuguezes, porém, repellindo-os sempre, em 1567, combinadas as forças de Estacio com as de seu tio e outros reforços, que os Jesuitas trouxeram do Sul...

— Donde?

— De S. Vicente. Sahindo por ali, pela barra, e seguindo o caminho, que seguem os vapores, que hoje buscam Santos, lá se vai dar.

— E havia S. Vicente nesse tempo?

— Havia, e saberás como ficou havendo. Mas agora vamos assistir a uma batalha naquella formosa bahia.

— Eu já assisti a mais de uma, Dr. Alencar; e que...

—Ta... ta... ta... ta... meu filho! O corpo dilacerado daquelle forte ainda está contando aos olhos os tristes tempos e scenas, a que te referes. Mas, agora, que o fumo dos bombardeios fratricidas se dispersou no ar e nos corações, não lhe avultemos de novo o negrume. Basta para experiencia a lição tremenda; e, tu, vem commigo a outra scena de sangue, mas não de ruina e odio entre irmãos. Unidas as forças de Mem de Sá, de seu sobrinho e os reforços vindos do sul, emprehenderam, a 20 de Janeiro de 1567, o ataque geral, e expulsaram os Francezes de todas as suas posições e da bahia. A victoria custou a vida de Estacio, e Mem transferiu a povoação d'ali do Pão d'Assucar cá para o Morro do Castello (1), conservando lhe o mesmo nome, já agora que as suas armas tinham sido vencedoras no dia consagrado pelo calendario catholico ao santo dessa invocação.

(1 *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 14.

— Mem de Sá parece que foi um governador de mão cheia ?

— Como Thomé de Souza, que introduziu no paiz o gado, cuidou da agricultura, e creou as villas da Conceição de Itanhaem e de Santo André, na capitania de São Vicente, hoje Estado, de São Paulo. Mem de Sá aldeou os indios mansos sob a direcção dos Jesuitas; combateu os bravios no Espirito Santo e nos Ilhéus; mudou a villa de Piratininga para a povoação de São Paulo, hoje capital do Estado do mesmo nome, e foi muito justiceiro e economico.

— E os que se seguiram foram tão bons como estes dois ?

— Uns imitaram-n'os; outros nada puderam fazer. Quasi, tambem, que estes primeiros governadores só tinham que *descobrir e conquistar terra e submetter indios*. Uns fizeram mais, outros menos. Ao empenho da conquista ajuntou-se, ás vezes, o do enriquecimento rapido: os colonos e os governadores atiraram-se á descoberta de metaes e pedras preciosas. Algumas minas foram encontradas, e, se não deram riquezas collossaes, tornaram, ao menos, conhecido o interior. Da Bahia para o Norte e Sul, e do littoral para o centro, foram se alargando os dominios da colonia e formando o corpo d'este paiz vastissimo, sobre o qual hoje impera a Republica e se espalham vinte Estados com os seus quatorze a quinze milhões de habitantes. A sua historia, subindo do reinado de D. João V até ao de D. Manoel I, isto é, ao dia da sua descoberta, resume-se verdadeiramente na *conquista do solo*.

— E está todo conquistado ?

Sim, Alvaro, porque *conquistado* não quer dizer *conhecido*. Ha leguas e leguas de terra na tua Patria, onde

nunca pisou o pé humano, e selvas espessas, que o gume do ferro não desvirginou ainda. Mas tu, como eu, como qualquer brazileiro, todos nós sabemos as fronteiras que nos separam dos que não são brazileiros. O mar a Leste por mais de 1.200 leguas; rios e linhas convencionaes ao Norte, a Oeste e ao Sul, discriminam o territorio que é nosso do que o não é.

— E quem nos deu o direito de marcar essas divisas?

— A primeira occupação.

— Como, Dr. Alencar, se o Sr. me tem sempre dito que os indios habitavam este paiz?

— Ah, meu filho, devo limitar o que disse: a primeira occupação *do mais forte*.

— E' bem triste ser fraco, Dr. Alencar!

— A Trindade o está dizendo a todos nós. Fosse o Brazil uma nação já poderosa como a velha Inglaterra, e o *Barracouta* jámais teria turvado as verdes aguas, que cingem essa ilha ao nosso direito como a cingem ao nosso coração!

— Mas deixe estar, Dr. Alencar, que, se fosse preciso nós haviamos de fazer com a Inglaterra o que os Independentes fizeram com os Hollandezes e Jeronymo de Albuquerque e Mem de Sá com os Francezes.

— Ou os Santistas com seus compatriotas, que se lembraram de tentar fortuna em terras paulistanas.

— Tambem?

— Sim — em 1583 e em 1591.

— Mas, Dr., como foi que Portugal, uma coisinha tão pequena no mappa, poude chegar a ser senhor do Brazil, d'esta terra quasi sem fim, que vai para cá, para lá, para ali, para todos os lados — leguas, leguas e leguas!

— Sem sabermos como. Pela felicidade do acaso.

— Estou ardendo para que o Sr. me explique.

— E quanta inspiração me daria o alto do Corcovado para contar te a historia do nosso Brazil desde o seu primeiro vagido para a civilisação occidental, em que é hoje parte brilhante, se não fossem já cinco horas e meia quasi. Olha! O pennacho de fumo arqueja e desenrola-se da chaminé da locomotiva: é o ultimo trem. Eil-o que apita. Corramos!

— Vista do Paraiso, adeus!

IX

— Houve um tempo, meu filho, em que Portugal cortou affoito

...mares nunca d'antes navegados,

e os Portuguezes

em perigos e guerras esforçados,
mais do que permittia a força humana,
entre gente remota edificaram
NOVO REINO *que tanto sublimaram.*

— Isso é verso, Papai, e acho que já li. Não é Camões?

— E' ; nos *Luziadas.*

— O que quer dizer *Luziadas* ?

— Os Portuguezes, de quem conta as grandes navegações. Sabes que *novo reino* é este de que fala ?

— Não, senhor.

— E entendeste o que elle quer dizer no verso, que recitei?

— Acho que entendi. Não é que elles andaram mettidos em perigos e guerras, e fizeram um novo reino lá longe?

— Mais ou menos isso. O *novo reino* é a India, a *colonia* portugueza na India.

— Mas tu vais me falar da India ou da descoberta do Brazil?

— Do que me pediste.

— E, então, que tem o Brazil com a India?

— Tem tanto como tu com aquelle cajueirinho, que ali vai nascendo.

— Eu?

— Sim, tu; o Alvaro; o meu filho Alvaro de Souza Caminha.

— Como?

— A mim é que toca perguntar-te: quem o plantou ali?

— Não sei.

— Pois eu te digo que não foi ninguem.

— Nasceu por acaso?

— O que quer dizer o teu *por acaso*?

— Sem ser plantado de proposito.

— Sim; e foste tu que assim o plantaste.

— Eu?

— Precisamente. Não te lembras d'aquelle cestinho de cajús, que o Dr. Alencar nos mandou pela Carola, quando desceu de Petropolis? Tinhas sobre a janella o prato, em que separáras alguns para os chupares e pôres o bagaço e as castanhas; uma, vi eu, cahiu d'elle, e, tempos depois, dando com o cajueirinho, lembrei-me logo de quem o plantou.

— E Papai queria que eu, que não o percebi, atinasse com a sua pergunta ? Mas isto é que é a descoberta do Brazil ?

— E' o caminho da descoberta do Brazil, verás. No seculo XV, isto é, no seculo, que começou com o anno de 1401, os Portuguezes deram-se com ardor a viagens e descobrimentos maritimos. Havia, para isso, varias razões. Repara naquelle mappa da Europa. Olha como Portugal está aqui para a esquerda, para o lado da America, e proximo da Africa. Essa era uma razão : não podia alongar-se senão para o mar. Outra : era muito difficil e longa a viagem, pelo Meditirraneo e interior da Asia, para chegar á India, e, por isso, procurava-se uma passagem pelo mar. Assim, os Portuguezes atiraram se ao mar. Em 1487, Bartholomeu Dias avançou até ao Cabo das Tormentas, e, em 1497, Vasco da Gama (1) dobrou-o, chamando-lhe Boa-Esperança, seu nome actual ; subiu pela costa occidental da Africa, e foi chegar á India, onde teve feliz acolhimento e onde preparou terreno para o dominio portuguez. E' aqui que a castanha cae do prato.

— Como, Papai ?

— De volta a Portugal, o rei D. Manoel I incumbe a Pedro Alvares Cabral, (2) a quem entrega uma esquadra, de ir firmar o dominio portuguez no paiz visitado pelo Gama. Obedecendo á real determinação, ou porque se afastasse muito para o occidente, ou porque fosse arrastado pelas correntes do oceano, fosse lá pelo que fosse, avistou a Oeste....

— Um cajueirinho brotando....

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag. 2.

(2) » » » » » » » »

— Velhaco !.... A 21 de Abril, signaes de terra Approximando-se no rumo d'elles, logo a 22 encontrou um porto,a bahia de Santa Cruz, e nelle entrou a 25. A 1 de Maio fez dizer uma missa em terra, depois de haver, antes, sido dita a 26, uma outra numa ilha visinha. A differença do aspecto e a lingua dos selvagens, que ahi encontrou e que bem os acolheram, convenceu logo a Pedro Alvares Cabral de que aportára a plagas desconhecidas. Tratou, pois, em seguida ao primeiro exame, de tomar posse da região em nome do rei de Portugal, o que fez levantando uma cruz de madeira com as armas portuguezas (1) e lavrando um auto d'essa solemnidade. E depois, destacando da sua frota Gaspar de Lemos com um navio, mandou-o communicar o feliz successo a D. Manoel, e seguiu para a India. O cajueiro nasceu, pois vês, meu filho, que, indo para India, Cabral veiu ao Brazil.

— Pelo que tu dizes, o Brazil foi descoberto a 22 de Abril de 1500, isto é, no ultimo anno do seculo XV ?

— Sim, e fechou com chave de ouro as descobertas maritimas dos Portuguezes.

— E porque é que a Republica festeja o seu descobrimento 3 de Maio?

— E não commemora nada a 22 de Abril?

— A 21, commemora, é verdade, a morte do Tiradentes ; mas, a 22, nada.

— E achas isto singular ?

— Muito. Porque é ?

— Tu sabes o que é o Calendario ?

— A folhinha ?

---

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier pag. 4.

— Sim. O Calendario, de que nós usamos, é o que foi reformado pelo Papa Gregorio XIII. Antes usava-se do mandado fazer por Julio Cesar, tribuno e dictador na Roma antiga. Para adoptar o novo, teve-se de accrescentar onze dias ao velho, ou, o que vale o mesmo, contar onze adiante: assim, o dia 22 de Abril, por exemplo, passou a ser 3 de Maio. A razão não é muito *razoavel*, porém...

— Vá na fé dos padrinhos. Calcúlo a satisfação, que havia de sentir Pedro Alvares Cabral, diante da belleza, que encontrou na nossa terra!

— Devia ter sido igual ao pasmo, que mostram, diante dos Portuguezes, os indios no quadro da primeira missa, tambem pintado por Victor Meirelles, autor da batalha dos Guararapes e do combate naval do Riachuelo. (1)

— Riachuelo?... Quando?... Ninguem me falou nesse.

— E' que não te quizeram aturdir com a narração dos horrores de uma guerra. *O Imperio foi a paz*, dizem os monarchistas. Pois o combate de Riachuelo foi durante uma guerra, que, no reinado de D. Pedro II, o Brazil sustentou contra o Paraguay. Não te vou agora desfiar os successos d'essa campanha, que durou cinco annos e terminou pela nossa victoria em 1870, custando-nos, como todas as guerras, muito dinheiro e muitas vidas preciosas. Na estante de teu avô e na minha acharás livros especiaes, que te dirão alguma cousa sobre ella. Mas calcula tambem a alegria do rei D. Manoel ao receber a noticia, e não te ha de admirar que, logo em Julho, communicasse a todas as nações da Europa

(1) *Galeria de historia brazileira*. ed. Garnier, pag. 54.

que... o cajueirinho tinha nascido e pertencia a quem o semeiou sem querer. Nos annos seguintes tratou, esta, de explorar a nova terra. A 1ª expedição veiu em 1501 e explorou desde o Cabo de São Roque até São Vicente; a 2ª tocou na ilha Fernando de Noronha e entrou em Porto Seguro.

— Porto Seguro ? Onde era isso ?

— Era o porto em que Cabral tinha ancorado. Ahi fundou-se, em 1526, uma villa : a de Santa Cruz.

— As primeiras expedições vieram ao mando de André Gonçalves, Gonçalo Coelho, Dom Nuno Manoel, talvez, e Christovam Jacques.

— Mas não me disseste que nome deu Cabral á terra, que descobriu.

— Ilha de Vera-Cruz ou verdadeira Cruz, nome que se mudou no de Santa Cruz, e que nos recorda a cruz de estrellas do nosso formoso céu do Sul.

— A mesma que a Republica mandou bordar na bandeira, recordando o aspecto do céu na manhã de 15 de Novembro de 1889, segundo me disse o Dr. Alencar ?

— Justamente : o Brazil é a terra do Cruzeiro do Sul.

— E o nome do Brazil d'onde lhe veiu ?

— Diz o Sr. Barão do Rio Branco, num esboço de historia da nossa Patria, que não tardou a ser o paiz, descoberto por Cabral, conhecido por este nome, que já era empregado no commercio, e, então, dado a certa madeira de tinturaria de côr vermelha, que se encontrou em abundancia nesta parte da America.

— Sei ; é uma madeira muito vermelha, que se chama mesmo *pau brazil* ; já vi um pedaço numa collecção que tem o Dr. Alencar.

— Sim, sim ; e o conhecimento d'essa madeira influiu muito tambem na historia da nossa Patria.

— Porque ?

— Porque começaram a vir ahi procural-a muitos armadores, sobretudo francezes;e o rei de Portugal, para evitar o contrabando, e que se apoderassem da terra, deliberou exploral-a seriamente e colonisal-a, depois de a deixar quasi abandonada até 1526. Sabendo que, em França, se apparelhavam dez navios com destino ao Brazil, mandou D. João III, que succedera a D. Manoel, Christovam Jacques com uma nova náu e cinco caravellas perseguil-os. Este fundou uma feitoria á margem do Iguarassú, em Pernambuco ; desceu até o Rio da Prata ; e, na volta, encontrou embarcações francezas na Bahia, e destruiu as, aprisionando a tripulação.

— Estes Francezes sempre eram teimosos!

— E desde 1504 que visitaram a nossa terra : o primeiro que cá veiu foi Paulmier de Gonneville. Nem admira a cubiça, porque Americo Vespucio, que escreveu uma carta, publicada nesse anno, sobre o Brazil, d'elle dizia : « *e, se no mundo ha algum paraiso terrestre, sem duvida deve ser não muito longe d'esses lugares.* »

— Não podia dar uma idéa melhor do que é a nossa Patria, Papai !

— Pois bem; para não perder esse paraizo, fez D. João III sahir de Portugal, em 1530, uma outra expedição, ao mando de Martim Affonso de Souza. Compunha-se ella de duas náus, um galeão, duas caravellas e quatrocentas pessoas. Martim Affonso trazia ordens de fundar e governar uma colonia, tomando posse da terra, que estivesse dentro da linha de demarcação na parte de Portugal.

— Linha de demarcação ?

— Sim; uma linha que separava o que era de Portugal do que era da Hespanha.

— E quem marcou essa linha ?

— Ah, meu filho, isso já é outra historia. Nos tempos em que o nosso Brazil nasceu, todas as questões entre os reis christãos eram decididas pelo Papa, isto é, pelo chefe da religião, de que todos elles eram fieis. Ora, quando Colombo descobriu a America....

— Quem ?

— Christovam Colombo (1).

— Quem era esse ?

— Ah, este é que não derribou castanha nenhuma do prato, Alvaro. Plantou porque quiz, embora nascesse cajueiro, quando elle esperava laranjeira.

— Como, como, Papai ?

— Assim não chegamos á linha de demarcação. Não te parece que é melhor fincar primeiro um marco de separação entre a arvore do acaso e a arvore do proposito ?

— Finca, finca, Papai ?

— Quando Colombo descobriu a America, o rei de Hespanha conseguiu do Papa Alexandre VI ...

— Quem era o rei de Hespanha ?

— Fernando de Aragão, casado com Isabel de Castella — Conseguiu uma bulla....

— O que é bulla ?

— E' um decreto do Papa—que declarou pertencerem á Hespanha todas as terras descobertas, que ficassem ao occidente de uma *linha imaginaria*, que cortasse o mundo em duas partes iguaes, passando a cem leguas das ilhas dos Açores e do Cabo-Verde, na

(1) *Galeria de historia brazileira*, ed. Garnier, pag 2.

Africa. Julgando-se prejudicado com esta divisão o rei D. João II ...

— Esse não governou o Brazil?

— (Não)... O rei D. João II queixou-se, reclamou varias vezes, e, não alcançando nada, dispoz-se para uma guerra com a Hespanha. Entretanto essa guerra não se deu; as duas nações entraram, em 1494, em accôrdo pelo tratado de Tordesilhas, que mandou passar a *linha imaginaria* a 360 leguas das ilhas de Cabo-Verde, ficando a metade do occidente á Hespanha e a do Oriente a Portugal. A esquadra, que D. João II tinha preparado contra Fernando foi, pois, tambem, uma castanha de cajú...

— De que nasceu a India, não é?

— Não era difficil agora adivinhar. Sabes, pois, o que é a *linha imaginaria*? Aqui a tens neste planispherio.

— Mas nesse tempo valia a pena ser Papa; mandava mais do que os reis todos.

— E hoje ainda vale bem a pena, embora seja muito menor o seu poder. Mas tambem foi uma felicidade que assim fosse, meu filho.

— Para os papas?

— Para nós. Se não fosse esse poder do Papa, as nações da Europa, inteiramente separadas pelos seus interesses e rivalidades, teriam desapparecido nas lutas entre si, e nós não estariamos, talvez, agora, aqui.

— Então *Viva o Papa!*

— Sim, mas hoje «viva como póde viver». Os tempos mudaram; a humanidade fez grandes progressos, e os Papas, sem a acompanharem, quizeram conservar o mesmo poder, que tiveram, e, com isso, perderam muito da sua importancia. Mais tarde entenderás estas cousas

melhor. O nosso Martim Affonso de Souza chegou, entretanto, em 1531, ao Brazil, que costeou do Cabo de Santo Agostinho até ao arroio Chuy, d'onde mandou seu irmão Pero Lopes de Souza tomar posse do Rio da Prata. No anno seguinte, voltando, desembarcou em uma ilha, chamada pelos naturaes Uirápiran, e resolveu fundar ahi uma colonia: foi essa a villa de São Vicente, que ainda hoje conserva esse nome.

— Essa foi, então, a primeira povoação do Brazil?

— A primeira regular, pois deves lembrar-te que Christovam Jacques fundou, em Pernambuco, uma feitoria.

— E não achou, Martim Affonso, selvagens nesse lugar?

— Selvagens, e até gente civilisada.

— Devéras?

— Como te digo. Os selvagens extranharam a visita e preparavam-se para hostilisar os hospedes, quando um homem branco, que entre elles se achava, reconhecendo-os como irmãos, transformou o ataque em amistoso acolhimento.

— Quem era esse homem? Como veio ahi ter?

— Era um portuguez: João Ramalho, e chegou ao Brazil como o Caramurú, segundo parece.

— E morava ahi mesmo, onde Martim Affonso desembarcou?

— Proximo; no planalto da serra de Paranapiacaba, onde se alliara á filha do chefe indio Tibiriçá, em Guapituba ou Borda do Campo. Neste lugar, Martim Affonso estabeleceu uma parte de seus colonos, e, mais tarde, tornou-se essa colonia conhecida por Santo André da Borda do Campo. João Ramalho foi nomeado guarda-mór do campo; e, de Cananéa, Martim Affonso mandou

para o interior uma pequena comitiva, que, depois de atravessar o Paraná, foi repellida pelos Guaranys, e destruida no Iguarassú, quando vinha de retirada. Em Cananéa mesmo já havia portuguezes: Duarte Peres, bacharel desterrado de Portugal, Francisco Chaves e Aleixo Garcia. D'aquella aldeia de Santo André foi que os moradores foram, mais tarde, desertando, quando os Jesuitas, em 1554, fundaram uma casa em Piratininga, que passou a chamar-se São Paulo, e é hoje a capital do Estado de São Paulo. Em 1533. Martim Affonso tornou a Portugal, deixando em boa ordem o que havia fundado e que muita despeza custára ao thesouro portuguez.

— Muita despeza, Papai?

— Sim—tanta, mesmo, que o governo não poude continuar a colonisar o Brazil assim; e, em vez de fazel-o elle proprio, resolveu dividil-o, e incumbir outros de o fazerem.

— Mas, Papai, se o governo não podia, quem é que havia de poder?

— Quem tirasse lucro de o fazer, meu filho.

— E quem é que o podia tirar?

— Aquelles a quem o governo désse as terras com a obrigação de as explorarem e cultivarem. Não é assim que se faz com uma grande fazenda? O fazendeiro não entrega a cada colono uma certa porção de terra, cultivada ou a cultivar, com a obrigação de lhe dar um certo pagamento nesta ou naquella safra? O governo portuguez dividiu, pois, o Brazil, em doze partes e deu-as, com certas condições, a doze homens de sua confiança e apreço. Esses quinhões chamaram-se *capitanias*, e os que as receberam, *donatarios*, com o titulo de governadores e capitães.

— Quem foi o rei que fez isso?

— Um teu conhecido—o successor de D. Manoel I —D. João III.

— E os donatarios fizeram o que D. João esperava?

— Alguns fizeram bastante; outros nem tentaram fazer nada. Não era assim tão facil colonisar capitanias tão vastas. A despeza era grande, e grande o perigo pelos assaltos dos indigenas.

— Mas os indigenas receberam tão bem os Portuguezes!

— E assim os trataram emquanto não comprehenderam que esses hospedes o que queriam era despojal-os das suas terras e convertel-os em seus escravos. Demais, naquelle tempo, o desejo de todo o mundo era ir para a India, que era um paiz feito. Gente para o Brazil só se achava nas prisões e na peior classe do povo. D'ahi desordens continuas entre colonos e insubordinação d'estes para com as autoridades; e tu sabes que, com a desordem, nada vai por diante. Por isso, o mesmo rei D. João III teve de crear, em 1549, um governo geral, a que ficassem sujeitas todas as capitanias, e mandou Thomé de Souza fundar,em ponto mais central da costa, nova povoação que fosse a *Capital* da colonia. Já deves saber qual foi essa povoação.

— A cidade de Salvador.

— Já, tambem, sabes o que fizeram os governadores e como, pouco a pouco, as terras foram sendo exploradas—os indios contidos, nos seus assaltos—a ordem estabelecida entre colonos—o respeito á autoridade imposto—e, emfim, um governo regular organisado, até que o povo brazileiro, sentindo-se forte, separou-se de Portugal e constituiu uma nação independente, sob a

forma monarchica, felizmente substituida pela republica federativa, que ha de fazer a sua prosperidade.

— E para isso foram precisos 396 annos.

— Bem pouco para uma nação, meu filho.

— Mas os Estados-Unidos, com pouco mais idade, estão bem mais adiantados de que nós, Papai.

— Achas pouca uma differença de quarenta e seis annos de vida independente sob a fórma republicana federativa, e queres comparar o Brazil, *concentrado* no Rio de Janeiro, para esplendor de um throno, durante sessenta e sete annos, com os Estados Unidos da America do Norte?

— Não acho, não, senhor; mas queria que o nosso Brazil podesse emparelhar com elles.

— Depende de mim, depende de ti, depende de todos os Brazileiros. Hoje somos um povo livre; nenhum privilegio separa um homem de outro, esta classe d'aquella. Os unicos titulos de nobreza consistem na veneração e no reconhecimento, que a sociedede concede aos que se mostram mais dignos. « *Ser digno* » —eis a obrigação de cada brazileiro. Na batalha de Trafalgar, Nelson mandou arvorar a legenda memoravel: «*A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever*», e a victoria glorificou as armas inglezes. A Liberdade, a 15 de Novembro de 1889, arvorou essa legenda no pavilhão nacional, substituindo á cruz, symbolo que separa crentes, o Cruzeiro radiante, que, lá do alto, fulgura para todos como o emblema sagrado de uma Patria, onde a fraternidade vincula cidadãos livres, que, pelo reciproco amor, caminham, travéz de ordem, para um progresso sempre crescente. Obedeça cada um ao glorioso motto, e terá cumprido o seu dever. Para nós, os grandes, a fé inabalavel na Republica, o voto reflectido nas urnas,

a actividade honesta na praça publica, e a dedicação affectuosa e consciente na familia;—para ti, para os pequenos, a luz da escola, que illumina a intelligencia e a elevação dos sentimentos, que deve guiar os actos. Perdôa-me, Alvaro, se falo de modo que não entendas; o amor d'esta Patria, que vejo tão mal julgada pela paixão de muitos de seus filhos infelizes, e que a tua comparação rebaixou, doeu me e fez-me esquecer que te falava.

— Não entendi todas as tuas palavras, Papai, mas o calor do teu patriotismo fez-me sentir que amo como tu a nossa Patria e que, por ella, hei de fazer tudo o que disseste.

— Obrigado, meu filho. TUDO, então, PELO BRAZIL?... TUDO PELA REPUBLICA?...

— Do fundo d'alma, Papai: TUDO!

X

Papai.

Petropolis, 16 de Fevereiro de 1896.

Aqui cheguei com feliz viagem. Fui bondosamente acolhido e festejado pelo Dr. Alencar e sua digna familia.

Deram me um quartinho no andar superior do chalet. Da janella, que abre sobre o jardim, tenho uma esplendida vista para a serra. Vejo as montanhas que descem como os canudos de um orgão. O leito da estrada de ferro corta por entre ellas as suas rectas e curvas. Lá vai agora um trem escorregando pelo declive abaixo. Lá ao longe, bem no fundo, um mar de nuvens sobre o mar das aguas serenas da bahia. A cidade é uma massa que alveja á distancia. Nem contorno de casas distingo. Sei, porém, que ali está a nossa, e suspiro com saudades, suspenso cá em cima nestes pincaros, como ave, que foge aos rigores de seu céo, mas d'elle a todo o momento se lembra.

Tencionava entregar-te, antes de partir, as notas, que tomei, das minhas lições de historia e o meu programma de leituras no anno, que acaba de entrar. Esqueci-me, e

aqui os incluo agora. Lê com paciencia e dize o que achas.

As biographias d'aquelles, que tiveram parte nos acontecimentos da nossa vida, vou lel as aqui. O Dr. Alencar disse-me que o Desembargador Menezes e Moura tem uma bibliotheca excellente e terá prazer em emprestar-me os livros, que eu quizer. E eu tenciono aproveitar-me bem da sua bondade. Em uma visita já tomei nota dos que aqui te indico em rol.

O Mario disse-me que a estação tem corrido muito favoravel: pouca chuva, e manhãs e tardes frescas. Estimo bastante que assim continue para dar meus passeios, gosando do ar puro e fazendo exercicios de botanica e zoologia. Quero vêr se levo um herbariozinho, uma collecção de coleopteros e borboletas. Tirarei tambem algumas photographias dos sitios mais pittorescos. Acertei em trazer a minha bicycleta, porque é o que está em moda, entre os rapazes, para excursões.

Não te esqueças de me remetter os materiaes, que te pedi, para aviar as collecções, e a gaze para o sacco das borboletas, com a respectiva caixa. Mamãe, se quizer, póde ajuntar duas ou tres latinhas daquella surpreza, que elle sabe.

Espero que me darão frequentes noticias suas. Tu terás desculpa se o não fizeres, pelas tuas occupações. Mas á Paula e ao Chiquinho não perdoarei o descuido.

O Dr. Alencar e todos os seus te enviam recommendações, e eu abraço-te, á mamãe, e aos meus irmãos, pedindo-te a tua benção para

O filho affectuoso e amigo obrigado,

ALVARO

HISTORIA DA PATRIA

NOTAS DO MEU CURSO NO ANNO DE 1895

Ensinaram-me: Papae, Vôvô e o Dr. Alencar. Nunca decorei nada. Prestava muita attenção, quando estava conversando, e, depois, sósinho, tomava apontamentos. Com esses apontamentos, fiz os quadros, que seguem. Com elles, é fazil recordar qualquer facto, quando a memoria falha. Só conversámos sobre os factos importantes. Acho que sei bem a historia de meu paiz, e agora, com as minhas leituras vou satisfazer a curiosidade de a saber com muito mais particularidades, sobre os homens e as cousas.

Quadro geral do governo do Brazil desde a sua descoberta até 31 de Dezembro de 1895

PERIODO COLONIAL

D. Manoel I.....	Dynastia de Aviz...	1.500
D. João III.....		
D. Catharina, *regente, por*..		
D. Sebastião		
D. Antonio, prior do Crato.		

Philippe II.....	de Hespanha.....	1581
Philippe III.....		
Philippe IV.....		
D. João IV.....	Dynastia de Bragança.	1640
D. Affonso VI.....		
D. Pedro II.....		
D. João V.....		
D. José I.....		
D. Maria I.....		
D. João VI.....		

Regencia de D. Pedro..... 1820

PERIODO AUTONOMICO

Imperio

D. Pedro I..... 1822
Regencias..... 1831
D Pedro II..... 1840

Republica

Governo Provisorio..... 1889
Marechal Deodoro da Fonseca..... 1891
Marechal Floriano Peixoto..... 1891
Prudente José de Moraes Barros..... 1894

Da as memoraveis da Historia do Brazil desde 1500 até 1895

1500 — Abril 22 — Descoberta de Pedro Alvares Çabral.

1500—Maio 1—Primeira missa no continente.

1501—Primeira expedição exploradora ao mando de André Gonçalves.

1503—Segunda idem idem de Gonçalves Coelho.

1526—Terceira idem de Christovão Jacques.

1530—Quarta idem idem Martim Affonso de Souza.

1531—Fundação de S. Vicente e Piratininga.

1549—Idem da cidade do Salvador e do governo geral.

1555—Os francezes no Rio de Janeiro—Villegaignon.

1567—Fundação de Rio de Janeiro e expulsão dos francezes.

1594—Os francezes no Maranhão.

1614—Sua expulsão: victoria de Guaxenduba.

1624 a 1654—Dominio hollandez no Brazil.

1640 a 1697—Republica dos Palmares.

1710—Expedição de Duclerc ao Rio de Janeiro.

1711—Idem de Duguay Trouin.

1788 a 1792—O Tiradentes.

1792—Abril 21—Supplicio de Tiradentes.

1808—Chegada de D. João VI.

1815—Elevação do Brasil a reino.

1820—Regencia de D. Pedro.

1822—Setembro 7— Proclamação da Independencia.

1823—Retirada das ultimas forças portuguezas.

1824 Março 25—Juramento da Constituição.

1831—Abril 7—Abdicação de D. Pedro I.

1831 a 1840—Regencia.

1840—Julho 23—Maioridade de D. Pedro II.

1865 a 1870—Guerra do Paraguay.

1888—Maio 13—Libertação dos escravos.

1889—Novembro 15 — Libertação dos cidadãos: a Republica.

1890—Eleição da Constituinte.

1891—Fevereiro 24—Promulgação da Constituição.

1891—Idem 25—Eleição do 1º Presidente da Republica.

1891— Novembro 23—Renuncia do Marechal Deodoro.

1894—Novembro 15—Posse do Dr. Prudente José de Moraes Barros.

Homens notaveis na historia do Brazil, cuja biographia desejo lêr

Tenente Coronel Benjamim Constant Botelho de Magalhães.

José Bonifacio de Andrada e Silva.

Joaquim José da Silva Xavier.

Marquez de Pombal.

João Fernandes Vieira.

André Vidal de Negreiros.

Factos, que desejo lêr com mais particularidades

A descoberta de Pedro Alvares Cabral.

A fundação de S. Vicente e Piratininga.

A historia do 1º, 2º e 3º governadores geraes.

A guerra contra os Hollandezes.

As expedições dos Francezes contra o Rio de Janeiro no seculo XVIII.

A tentativa da Independencia.

A vida e morte do Tiradentes.

A estada de D. João VI no Brazil.

A Guerra da Independencia.

O Governo dos dois Imperadores.

A Guerra do Paraguay.
A Libertação dos Escravos.
A proclamação e a constituição da Republica.

Rol das obras, a que posso recorrer na bibliotheca do Desembargador Menezes e Moura

A DESCOBERTA: — Revista do Instituto Historico: Carta de *Pero Vaz Caminha*, e de *Mestre João*, companheiros de Pedro Alvares Cabral.

S. VICENTE E PIRATININGA: — Diario de *Pero Lopes de Souza*; Cartas do *Padre Manoel da Nobrega*; Informações de *Anchieta*.

OS TRES PRIMEIROS GOVERNADORES: — Historia do Brazil de *Porto Segaro*; Chronica da Companhia de Jesus, de *Simão de Vasconcellos*.

GUERRA CONTRA OS HOLLANDEZES: — Historia do Brazil de *Porto Seguro*; Revista do Instituto Historico: Chronica de *D. Manoel de Menezes*; Historia do Brazil de *Frei Vicente de Salvador* (Annaes da Bibliotheca Nacional); Pernambuco, seu desenvolvimento historico, por *Oliveira Lima*.

EXPEDIÇÕES DOS FRANCEZES AO RIO DE JANEIRO: — Memorias de *Duguay-Trouin*; Memorias de *Monsenhor Pizarro*.

TENTATIVA DE INDEPENDENCIA: VIDA E MORTE DO TIRADENTES: — Revista do Instituto Historico, *Sentença dos réus da conjuração mineira*; Brazil Historico de *Mello Moraes*. Ultimo interrogatorio do Tiradentes — *Norberto da Silva*.

ESTADA DE D. JOÃO VI — Historia do Brazil de *Armitage*.

GUERRA DA INDEPENDENCIA — Memorias historicas da Bahia por *Accioly*; Exposição dos serviços de

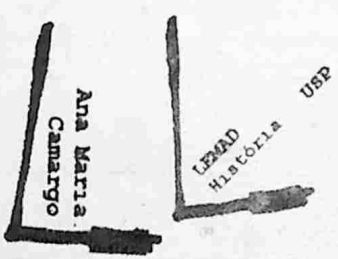
Lord Cochrane ; Memorias de *Drummond* (Annaes da Bibliotheca Nacional).

O GOVERNO DOS DOIS IMPERADORES — Historia do Brazil de *Armitage* ; Historia da fundação do imperio, *Pereira da Silva* ; Memorias do *Marquez de Barbacena* ; D. Pedro II, *Benjamin Mossé*.

A GUERRA DO PARAGUAY — D. Pedro II, *B. Mossé* ; Historia da guerra da triplice alliança, *Schneider*; A guerra do Paraguay, *Jourdan*.

A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS — O abolicionismo, *Nabuco*.

A PROCLAMAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REPUBLICA — Apontamentos para a historia da fundação da Republica, *Campos Porto* (publicação da Imprensa Nacional) ; Biographia de Benjamin Constant, *R. Teixeira Mendes*.

Petropolis, 16 de Fevereiro de 1896.

ALVARO DE SOUZA CAMINHA.